



ENCADERNAÇÃO
EDOURAÇÃO
VALLELE
RUA JUIZO CEZAN
52 E 55-TEL.4039
RIO DE JANEIRO

P

14

a

J. ALENCAR

O
DEMONIO FAMILIAR

COMEDIA

EM QUATRO ACTOS.



RIO DE JANEIRO.

TYPOGRAPHIA DE SOARES & IRMÃO

RUA DA ALFANDEGA N. 6.

1858.

O

DEMONIO FAMILIAR

COMEDIA.

**Representada pela primeira vez no Theatro do Gymnasio
Dramatico no dia 5 de Dezembro de 1857.**

DISTRIBUIÇÃO.

DR. EDUARDO — Medico, 29 annos . . .	Os Srs. <i>P. Joaquim.</i>
AZEVEDO — Moço rico, 30 annos.	<i>Paiva.</i>
ALFREDO — Negociante, 25 annos.	<i>Almeida.</i>
VASCONCELLOS — Militar reformado, 56 annos.	<i>Graça.</i>
PEDRO. — Escravo de Eduardo, 14 annos	<i>Martins.</i>
JORGE — Irmão de Eduardo, 13 annos	As Sras. <i>E. Noronha.</i>
CARLOTINHA. . — Irman de Eduardo, 17 annos.	<i>Adelaide.</i>
HENRIQUETA. . — Filha de Vasconcellos, 18 annos	<i>Velluti.</i>
D. MARIA . . . — Mãe de Eduardo, 47 annos	<i>J. Noronha.</i>

A scena é no Rio de Janeiro e de actualidade.

Toda a Comedia se passa na casa de Eduardo. O 1º acto no gabinete; o 2º acto no jardim; o 3º acto em uma sala interior; o 4º acto na sala de visita.

DEMONIO FAMILIAR.

1º ACTO.

Uma sala de moço solteiro. No fundo porta larga de uma alcova, na qual se vê um leito com cortinados. A' esquerda, duas janellas e uma porta que dá para uma escada; á direita portas interiores. Entre as janellas uma mesa de escrever, cheia de papeis e livros; vê-se nella uma caixa de charutos aberta. A' direita, depois da porta, estantes envidraçadas. No fundo e na esquerda quadros de paisagens. Junto ao proscenio uma cadeira de balanço e uma ottomana. As cadeiras estão espalhadas e em desordem; sobre uma vê-se um talmá atirado, sobre outra um par de luvas, uma gravata e um par de botinas; livros no chão. As janellas são vidraças á franceza, e estão fechadas.

São duas horas da tarde.

SCENA I.

CARLOTINHA, HENRIQUETA.

Carlotinha abre a porta da esquerda e entra.

CARLOTINHA.

Mano, mano! (*Voltando-se para a porta*) Não te disse? sabio! (*Acenando*) Vem, cio, vem!

HENRIQUE, *apparecendo.*

Não: elle póde zangar-se quando souber.



CARLOTINHA.

Quem ⁹¹é que vai contar-lhe que nós viemos ao quarto delle? Demais, que tem isso? Os homens não dizem que as moças são curiosas; por isso mesmo devemos não nos importar.

HENRIQUETA.

Mas, Carlotinha, não é bonito uma moça entrar no quarto de um moço solteiro.

CARLOTINHA.

Sózinha, sim; mas com a irmã não faz mal.

HENRIQUETA, *adiantando-se.*

Sempre faz.

CARLOTINHA.

Ora! Estavas morrendo de vontade.

HENRIQUETA.

Eu não; tu é que me chamaste.

CARLOTINHA.

Porque me fazias tantas perguntinhas, que logo percebi o que havia aqui dentro. (*Leva a mão ao coração de Henriqueta.*)

HENRIQUETA, *corando.*

Carlotinha !...

CARLOTINHA.

Está bom; não te zangues.

HENRIQUETA.

Não; mas tens lembranças!

CARLOTINHA.

Que parecem esquecimentos, não é? Esquecia-me que não gostas que advinhem os teus segredos.

HENRIQUETA, *suspirando*.

Não os tenho.

CARLOTINHA.

Anda lá! (*Voltando-se*) Oh! meu Deos! Que desordem! Aquelle moleque não arruma o quarto do senhor; depois mano vem e fica massado.

HENRIQUETA.

Vamos nós arranja-lø?

CARLOTINHA.

Está dito; elle nunca teve creadas desta ordem.

HENRIQUETA, *à meia-voz*.

Porque não quiz!

CARLOTINHA.

Que dizes?... Cá está uma gravata.

HENRIQUETA.

Um par de luvas.

CARLOTINHA.

As botinas em cima da cadeira.

HENRIQUETA.

Os livros no chão.

CARLOTINHA.

Ah! Agora pode-se ver!

HENRIQUETA.

Não abrimos a janella?



CARLOTIOHA.

É verdade. (*Abre a primeira janella.*)

HENRIQUETA.

Daqui vê-se a minha casa ; olha !

CARLOTINHA.

Pois agora é que sabes ? Nunca viste mano Ednardo nesta janella ?

HENRIQUETA, *confusa.*

Não ; nunca.

CARLOTINHA.

Falla a verdade, Henriqueta ! (*Encostão-se ambas á janella.*)

HENRIQUETA.

Já te disse que não : se vi, não me lembra. Ha tanto tempo que esta janella não se abre !

CARLOTINHA.

Bravo ! Depois não digas que são lembranças minhas.

HENRIQUETA.

O que ? O que disse eu ?

CARLOTINHA.

Nada ; trahiste o teu segredo, minha amiguinha. Se tu sabes que esta janella não se abre, é porque todos os dias olhas para ella.

HENRIQUETA.

Pois não...

CARLOTINHA.

Para que procuras esconder uma cousa que teus olhos estão dizendo ? Tu choras !... Porque ? É pelo que eu disse ? Perdôa ; não fallo mais em semelhante cousa.

HENRIQUETA.

Sim; eu te peço, Carlotinha. Se soubesses o que eu soffro...

CARLOTINHA.

Como! Meu irmão é tão indigno de ti, Henriqueta, que te offendes com um simples gracejo a seu respeito?

HENRIQUETA.

Eu é que não sou digna delle; não mereço nem mesmo por tua causa uma palavra de amisade. Trata-me com um desprezo!

CARLOTINHA.

Que dizes! Mano Eduardo te trata mal?

HENRIQUETA.

Mal não; mas com indiferença, com uma frieza!... As vezes nem me olha.

CARLOTINHA.

Mas antes, quando nos visitavas mais á miúdo, e passavas dias connosco, elle brincava tanto contigo!

HENRIQUETA.

Sim; porém um dia, tu não reparaste talvez; eu lembro-me... ainda me dóe! Um dia vim passar a tarde contigo, e durante todo o tempo que estive aqui, elle não me deu nem uma palavra.

CARLOTINHA.

Distração! Não foi de proposito.

HENRIQUETA.

Oh! foi! Desde então essa janella nunca mais se abriu. Agora posso dizer-te tudo... Eu o via do meu quarto á todas as horas do dia; de manhã, apenas acordava, já

elle estava ; antes de jantar, quando elle chegava, eu o esperava ; e á tarde, ao escurecer.

CARLOTINHA.

E nunca me disseste nada !

HENRIQUETA.

Tinha vergonha. Hoje mesmo se tu não advinhasses, se eu não me trahisse...

CARLOTINHA.

Deixa estar que heide perguntar-lhe a razão disto.

HENRIQUETA.

Eu te supplico ! Não lhe digas nada. Para que ? Soffri dois mezes, soffri como tu não fazes idéa. Uns versos sobretudo que elle me mandou, fizeram-me chorar uma noite inteira.

CARLOTINHA.

Mas por isso mesmo ! Não quero que elle te faça chorar. Heide obriga-lo a ser para ti o mesmo que era.

HENRIQUETA.

Agora... É impossivel !

CARLOTINHA.

Porque ?

HENRIQUETA.

Não tenho coragem de dizer ; e entretanto vim hoje só para dar-te parte e para... despedir-me desta casa.

CARLOTINHA.

Vais fazer alguma viagem ?

HENRIQUETA.

Não ; mas vou... (*Ouve-se subir a escada.*)

CARLOTINHA, *assustada*.

É elle! É mano!

HENRIQUETA, *idem*.

Ah! (*Correndo*) Meu Deos!

CARLOTINHA.

Depressa! Depressa! (*Sahem*.)

SCENA II.

EDUARDO, *depois* CARLOTINHA.

EDUARDO, *entrando pela esquerda*.

Pedro!... Moleque!... O bregeiro anda passeiando naturalmente! (*Chegando-se à porta da direita*) Pedro!

CARLOTINHA.

O que quer, mano? Pedro sahio.

EDUARDO.

Onde foi?

CARLOTINHA.

Não sei.

EDUARDO.

Porque o deixaste sahir?

CARLOTINHA.

Ora! Ha quem possa com aquelle seu moleque? É um azougue; nem á mamãe tem respeito.

EDUARDO.

Realmente é insupportavel; já não o posso aturar. Quando o procuro anda sempre na rua.

Pedro entra correndo.

SCENA III.

OS MESMOS, PEDRO.

PEDRO.

Senhor chamou ?

EDUARDO.

Onde andava ?

PEDRO.

Fui ali na loja da esquina.

EDUARDO.

Fazer o que ? Quem lhe mandou lá ?

CARLOTINHA.

Foi vadiar ; é só o que elle faz.

PEDRO.

Não, nhanhã ; fui comprar soldadinho de chumbo.

EDUARDO, *sorrindo.*

Ah ! O senhor já brinca com soldados de chumbo ?...
Corra, vá chamar-me um tilbury na praça ; já, de um pulo.

PEDRO.

Sim, senhor.

Sahe correndo.

SCENA IV.

EDUARDO, CARLOTINHA.

CARLOTINHA.

Onde vai, mano ?

EDUARDO.

Vou ao Castele ver um doente ; volto logo.

CARLOTINHA.

Eu queria fallar-lhe.

EDUARDO.

Quando voltar, menina.

CARLOTINHA.

E porque não agora ?

EDUARDO.

Tenho pressa; não posso esperar. Queres ir hoje ao Theatro Lyrico ?

CARLOTINHA.

Não ; não estou disposta.

EDUARDO.

Pois representa-se uma opera bonita. (*Enche a carteira de charutos.*) Canta a Charton. Ha muito tempo que não vamos ao theatro.

CARLOTINHA.

É verdade ; mas quem nos acompanha é vossê, e seus trabalhos, sua vida occupada... Depois, mano, noto que anda triste.

EDUARDO.

Triste? Não ; é meu genio ; sou naturalmente secco ; gosto pouco de divertimentos.

CARLOTINHA.

Mas houve um tempo em que não era assim ; brincavamos, passavamos as noites a tocar piano e a conversar ; vossê, Henriqueta, e eu. Lembra-se ?

EDUARDO.

Se me lembro !... (*Com volubildade*) Estava formado

ha pouco, não tinha clinica. Hoje falta-me o tempo para as distrações.

Pedro entra.

SCENA V.

OS MESMOS, PEDRO.

PEDRO.

Está ahi o tilbury, sim senhor; carro novo, cavalinho bom.

EDUARDO.

Bem; agora veja se larga-se outra vez. Quero tudo isto arrumado, no seu lugar; não me toque nos meus livros; escove-me esta roupa. Respeite-me os charutos. *(Olhando)* Quem abriu aquella janella?

CARLOTINHA.

Fui eu, mano. Fiz mal?

EDUARDO.

Não gosto que esteja aberta; o vento leva-me os papeis. *(A' Pedro)* Feixa!

CARLOTINHA.

Vossê outr'ora gostava de passar as tardes ali fumando ou lendo.

EDUARDO.

Até logo. Carlottinha. Moleque, não saia. *(Dirige-se á porta.)*

CARLOTINHA.

Ouçã, mano !... Não quer ver Henriqueta?

EDUARDO.

Ah !... Ha muito tempo não te visitava !

CARLOTINHA.

Por isso mesmo, venha fallar-lhe.

EDUARDO, *depois de alguma hesitação.*

Não ; já me demorei mais do que pretendia. (*Sahe.*)

CARLOTINHA.

Escute !

— — —
SCENA VI.

PEDRO, CARLOTINHA.

PEDRO.

Sr. moço Eduardo pensa que a gente tem perna de pau e não precisa andar !

CARLOTINHA, *despeitada.*

Feixa aquella porta !

PEDRO, *voltando.*

Então, nhanhã, Vm. não recebe aquelle bilhete, não ?

CARLOTINHA.

Moleque ! Tu estás muito atrevido !...

PEDRO.

Pois olhe, nhanhã ; o moço é bonito ; *petit-maitre* mesmo da moda !... Mais do que Sr. moço Eduardo. Xi !... Nem tem comparação !

CARLOTINHA.

Não o conheço !

PEDRO.

Pois elle conhece nhanhã ; passa aqui todo o dia.

Chapéo branco de castor, desse de aba revirada ; chapéo fino ; custa caro ! Sobrecasaca assim meio-recortada, que tem um nome francez ; calça justinha na perna ; bota do Dias ; bengalinha desse bicho, que se chama *unicorne*. Se nhanhã chegar na janella depois de almoço hade ver elle passar, só gingando : (*Arremeda*) Tchá, tchá, tchá... Umm!... Moço bonito mesmo !

CARLOTINHA.

Melhor para elle ; não faltará moça a quem namore.

PEDRO.

Não falta, não ; mas elle só gosta de nhanhã. Quando passa, nhanhã não vê ; mas eu cá de baixo, estou só espreitando ; vae olhando para traz, de pescocinho torto ! Porém nhanhã não faz caso delle !

CARLOTINHA.

É um desfructavel ! Está sempre a torcer o bigode !

PEDRO.

É da moda, nhanhã ! Aquelle bigodinho, assim enroscado, onde nhanhã vê, é um anzol ; anda só pescando coração de moça.

CARLOTINHA.

Moleque, se tu me fallares mais em semelhante cousa, conto a teu senhor. Olha lá !

PEDRO.

Está bom, nhanhã ; não precisa se zangar. Eu digo ao moço que nhanhã não gosta delle ; que elle tem uma cara de frasquinho de cheiro...

CARLOTINHA.

Dize o que tu quizeres ; com tanto que não me contes mais historias.

PEDRO.

Mas agora como hade ser !... Elle me deo dez mil réis.

CARLOTINHA.

Para que ?

PEDRO.

Para entregar bilhete a nhanhã. (*Tira o bilhete*) Bilhetinho cheiroso ; papel todo bordado !

CARLOTINHA.

Ah ! se mano soubesse !

PEDRO.

Elle é amigo de Sr. moço Eduardo.

CARLOTINHA.

Nunca vem aqui !

PEDRO.

Oh ! se vem ; ainda hontem ; por signal que me perguntou se já tinha entregado.

CARLOTINHA.

E tu que respondeste ?

PEDRO.

Que nhanhã não queria receber.

CARLOTINHA.

E porque não restituiste a carta ?

PEDRO.

Porque a carta veio com os dez mil réis... e eu gastei o dinheiro, nhanhã.

CARLOTINHA.

Ah ! Pedro, tu sabes em que te metteste ?

PEDRO.

Mas que tem que Nhanhã receba? É um moço mesmo na ordem!

CARLOTINHA, *indecisa.*

Não... não devo! (*Volta-lhe as costas; chega-se á estante e escolhe um livro.*)

PEDRO.

Nhanhã não hade ser freira!... (*Mette a carta no bolço sem que Carolina o perceba; e murmura*) Entregue esta á ella!

CARLOTINHA.

Que dizes?

PEDRO.

Nada, Nhanhã! Que Vm. é uma moça muito bonita; e Pedro um moleque muito sabido!

CARLOTINHA.

É melhor que arrumes o quarto de teu senhor, vadio! (*Carlotinha tira o livro e senta-se na cadeira de balanço; lê, e ás vezes ouve o que diz Pedro.*)

PEDRO, *arrumando.*

Isto é um instante! (*Chegando-se a Carlotinha*) Mas Nhanhã precisa casar! Com um moço rico como Sr. Alfredo, que ponha Nhanhã mesmo no tom, fazendo figurão. Nhanhã hade ter uma casa grande, grande, com jardim na frente, moleque de gesso no telhado; quatro carros na cocheira; duas parelhas, e Pedro cocheiro de Nhanhã.

CARLOTINHA.

Mas tu não és meu; és de mano Eduardo.

PEDRO.

Não faz mal ; nhanhã fica rica, compra Pedro ; manda fazer para elle sobrecasaca preta á ingleza : bota de canhão até aqui ; (*marca o joelho*) chapéo de castor ; tope de sinhá, tope azul no hombro. E Pedro só, traz, zaz, zaz ! E moleque da rua dizendo : « Eh ! cocheiro de sinhá D. Carlotinha ! »

CARLOTINHA.

Cuida no que tens de fazer, Pedro. Teu senhor não tarda.

PEDRO, *arrumando.*

É já ; não custa ! (*Chegando-se*) Meio dia, nhanhã vai passear na rua do Ouvidor, no braço de marido. Chapéosinho aqui na nuca ; peitinho estufado ; tundá arrasando só ! Assim moça bonita ! Quebrando debaixo da seda, e a saia fazendo xô, xô, xô ! Moço, rapaz, deputado, tudo na casa do Desmarais de luneta no olho : « Oh ! Que peixão !... » O outro já : « V. Ex. passa bem. » E aquelle homem que escreve no Jornal tomando nota, para metter nhanhã no folhetim !

CARLOTINHA.

Oh ! meu Deos ! Que moleque fallador ! Não te calarás ? (*Lé.*)

PEDRO.

Quando é de tarde carro na porta ; parelha de cavallos brancos, fogosos ; Pedro na boléa, direitinho, chapéo de lado, só tenteando as redeas. Nhanhã entra ; vestido toma o carro todo ; corpinho reclinado embalçando : « Botafogo ! » Pedro puchou as redeas ; chicote estalou ; tá, tá, tá ; cavallo toc, toc, toc ; carro trrrr !... Gente toda na janella perguntando : « Quem é ? Quem é ? » — « D. Carlotinha !... » Bonito carro ! Cocheiro bom !... E Pedro só deitando poeira nos olhos de bolieiro de aluguel.

CARLOTINHA.

Ora, mano não vem ! Disse que voltava já ! (*Vai deixar o livro.*)

PEDRO.

De noite, baile de estrondo, como baile do Sr. Barão de Merity ; linha de carro na porta, até no fim da rua, e torce na outra ; ministro, deputado, senador, homem do paço, só de farda bordada, com pão-de-rala no peito. Moça como formiga ! Mas nhanhã pisa tudo ; brilhante reluzindo na testa como faisca ; leque abanando ; vestido cheio de renda. Tudo cahido só ; com o olho de jacaré assim... E nhanhã sem fazer caso.

CARLOTINHA, *rindo.*

Onde é que tu aprendeste todas essas historias, moleque ? Estais adiantado !

PEDRO.

Pedro sabe tudo !... Dahi a pouco musica — vom, vom, vom, tra-ra-lá, tra-ra-lá-ta ; vem ministro, toma nhanhã para dansar contradança ; e nhanhã só requebrando o corpo ! (*Arremeda a contradança.*)

CARLOTINHA.

Ora senhor ! Já se vio que capetinha !

SCENA VII.

OS MESMOS, JORGE.

JORGE, *entrando.*

Mana Carlotinha, Henriqueta está lhe chamando para dizer-lhe adeos.

PEDRO.

Sinhá Henriqueta está ahi ?

CARLOTINHA.

Ella já vai?

JORGE.

Já está deitando o chapéo.

CARLOTINHA.

É tão cedo ainda! (*Jorge vai á mesa.*)

PEDRO.

Duas horas já deu ha muito tempo em S. Francisco de Paula.

CARLOTINHA, *vai á janella.*

Mano não voltará para jantar?..

PEDRO.

Não tarda ahí, nhanhã!

JORGE, *na mesa com um livro aberto.*

Olha! que pintura bonita, Pedro!

PEDRO.

Comece, comece a remexer! Depois fica todo derretido. (*Arremeda*) Foi moleque!...

CARLOTINHA, *sáhe da janella.*

Quando Eduardo voltar vai me chamar; ouviste, Pedro?... Jorge venha!

JORGE.

Já vou, Carlotinha!

CARLOTINHA.

Não toque nos papeis de Eduardo, elle não gosta. (*Sáhe.*)

SCENA VIII.

PEDRO, JORGE.

PEDRO, *querendo tomar o livro.*

Ande, ande nhonhô ; vá lá para dentro ! Deixe o livro !

JORGE.

Se tu és capaz, vem tomar !

PEDRO.

Ora ! É só querer !

JORGE.

Pois eu te mostrarei !

PEDRO.

Está arrumado ! Pedro, moleque capoeira, mesmo da malta, conta lá com menino de collegio ! (*Gingando*) Caia ! É só neste geito ; pé no queixo, testa na barriga !

JORGE.

Espera ; vou dizer a mamãi que tu estás te engracando comigo !

PEDRO.

É só o que sabe fazer ; enredo da gente ! Nhonhô não vê que é de brincadeira. (*Chegando-se*) Olhe este livro ; tem pintura tambem ; mulher bonita mesmo ! (*Abre o livro.*)

JORGE, *com curiosidade.*

Deixa ver ! (*Olhando*) Bravo !.. Que bello ! (*Tirando um papel*) Que é isto ?

PEDRO, *olhando.*

Um verso !... Oh ! Pedro vai levar á viuva !

JORGE.

Que viuva ?

PEDRO.

Essa que mora aqui adiante !

JORGE.

Para que ?

PEDRO.

Nhonhô não sabe ? Ella tem paixão forte por Sr. moço Eduardo ; quando vê elle passar coração faz tuco, tuco, tuco ! Quer casar com doutor.

JORGE.

E mano vai casar com ella ?

PEDRO.

Pois então ! Mas não vá agora contar a todo o mundo ?

JORGE.

E elle gosta daquella mulher tão feia ? Antes fôsse com D. Henriqueta !

PEDRO.

Menino não entende disto ! Sinhá Henriqueta é moça bonita, mas é pobre ! A viuva é rica, duzentos contos ! Sr. moço casa com ella, e fica capitalista, com dinheiro grosso ! Compra carro e faz Pedro cocheiro !... Lê o verso nhonhô.

JORGE.

Deixa-me ; não estou para isto !

PEDRO, *olhando o papel.*

Ah ! se Pedro soubesse ler ! (*Sentando-se e recostando-se*) Fazia como doutor, sentado na poltrona, com o livro na mão e puchando só a fumacinha do havana. Por fallar em havana... (*Ergue-se, vai á mesa e mette a mão na caixa dos charutos*) Com effeito ! Sr. moço Eduardo está fumando muito ! Uma caixa aberta hontem ; neste geito acaba-me os charutos.

JORGE.

Ah ! tu estais tirando os charutos de mano !

PEDRO.

Calle a boca, nhonhô Jorge ! É para fumar quando nós formos passeiar lá na Gloria, de tarde.

JORGE.

Amanhã ?

PEDRO.

Sim.

JORGE.

Eu vou pedir a mamãi ?

PEDRO.

Esperre ; deite sobre-escripto neste verso. (*Jorge tira um envelope roxo*) Roxo não ; viuva não gosta desta côr ; verde, côr de esperança !

JORGE.

Toma !

PEDRO.

Prompto !... Agora Pedro chega lá, deita na banquinha de costura, depois volta as costas fazendo que não vê ! Ella fogo ! (*Finge que beija*) Lê, guarda no seio, tal qual como se Sr. moço mandasse. O peor é se vai perguntar, como outro dia, porque Sr. moço não vai visitar ella ; eu respondi que era para não dar que fallar ; mas viuva não quer saber de nada ; está morrendo por tomar banho na igreja para deixar vestido preto !

JORGE.

Mas então tu levas versos á ella sem mano mandar ?

PEDRO.

Pedro sabe o que faz ! Agora veja se vai contar !

JORGE.

Eu não ! Que me importa isto ! (*Sahê correndo ; batem na porta á esquerda.*)

SCENA IX.

PEDRO, ALFREDO.

ALFREDO, *entrando.*

Ó Dr. Eduardo, não está ?

PEDRO.

Não, senhor ; sahio, Sr. Alfredo !

ALFREDO, *chegando-se.*

Então já entregaste !

PEDRO.

Hoje mesmo !

ALFREDO.

A resposta ?

PEDRO.

Logo ; é preciso dar tempo ; Vm. cuida que uma moça escreve á vapor ! Pois não ; primeiro passa um dia inteiro a ler a carta ; depois outro dia a olhar assim para o ar com a mão no queixo ; depois tem dôr de cabeça para dormir acordada ; por fim vai escrever e rasga um quaderno de papel.

ALFREDO.

Parece-me que tu estás me enganando ; que não entregaste a carta a D. Carlotinha ; e para te desculpar me contas estas historias.

PEDRO.

Não sou capaz de enganar a meu senhor.

ALFREDO.

Pois bem ; o que disse ella quando recebeo.

PEDRO.

Perguntou quem era Vm.

ALFREDO.

E tu que respondeste ?

PEDRO.

Ora já se sabe ; moço rico, bem parecido.

ALFREDO.

Quem te disse que eu era rico ? Não quero passar pelo que não sou.

PEDRO.

Não tem nada ; riqueza faz crescer amor.

ALFREDO, *rindo*.

Tambem sabes isto ?... Mas depois, que fez ella da carta ?

PEDRO.

Deitou no bolso. Fui eu que deitei ; mas é o mesmo.

ALFREDO.

Como ? Foste tu que deitaste...

PEDRO.

No bolso do vestido ! Ella estava com vergonha. Sr. Alfredo não sabe moça como é, não ?

ALFREDO.

Bem ; olha que espero a resposta !

PEDRO.

Dê tempo ao tempo, que tudo se arranja.

SCENA X.
OS MESMOS, CARLOTINHA.

CARLOTINHA, *fôra.*

Pedro !

PEDRO, *puchando Alfredo para a porta.*

É nhanhã !

ALFREDO.

Não faz mal !

PEDRO.

Este negocio assim não está bom, não !

ALFREDO.

Porque ?

CARLOTINHA, *entra com a mão no bolso.*

Moleque, tu tiveste o atrevimento... (*Dando com Alfredo*) Ah !

ALFREDO.

Perdão, minha senhora ; procurava o Dr. Eduardo.

CARLOTINHA, *confusa e corando.*

Elle sahio... Eu vou chamar mamã... (*Vai á porta.*)

ALFREDO.

Não precisa, minha senhora ; eu me retiro já ; mas antes desejava ter a honra de... (*Dá um passo.*)

PEDRO, *baixo, puchando-lhe pela manga.*

Não assuste a moça !, Senão está tudo perdido.

ALFREDO, *idem.*

E não heide fazer a declaração do meu amor ?

PEDRO, *idem*.

Qual declaração! Já não se usa! Isto é do tempo das barracas do Espirito Santo!

ALFREDO, *idem*.

Então julgas que não devo fallar-lhe?

PEDRO, *idem*.

Nem uma palavra. Mostre-se arrufado que é para ella responder. Moça é como carrapato, quanto mais a gente machuca, mais elle se agarra.

ALFREDO, *idem*.

Ah! Ella não quer responder-me! (*Comprimenta friamente.*)

CARLOTINHA.

Não espera por mano?

ALFREDO, *seccamente*.

Obrigado; não desejo encommoda-la!

CARLOTINHA.

A' mim! (*Alfredo sahe.*)

SCENA XI.

CARLOTINHA, PEDRO.

CARLOTINHA.

Nem sequer me olhou! E diz que gosta de mim! A primeira vez que me falla...

PEDRO.

● moço está queimado, hi!...

CARLOTINHA.

Ora, que me importa? O que te disse elle?

PEDRO.

Perguntou porque Nhanhã não queria responder á carta delle?

CARLOTINHA.

Ah! É sobre isto mesmo... Tu sabes o que vim fazer, Pedro?

PEDRO, *rindo-se.*

Veio ver Sr. Alfredo!

CARLOTINHA.

Eu advinhava que elle estava aqui?... Vim te chamar porque mamã quer te perguntar donde sahio esta carta que deitaste no meu bolso. (*Tira a carta.*)

PEDRO.

Nhanhã foi dizer?... Pois não!... Esta Pedro não engole.

CARLOTINHA.

Chego na sala: vou metter a mão no bolso, encontro um papel; abro-o, e é uma carta de namoro! Não sei como mamã não percebeu!...

PEDRO, *sorrindo.*

Ah! Nhanhã abriu!... Então lêo.

CARLOTINHA.

Não li! É mentira!

PEDRO, *com um muxoxo.*

Mosca anda voando; tocou no mel, cahio dentro do prato. Nhanhã leu!

CARLOTINHA.

E que tinha que lesse?

PEDRO.

Se leu deve responder!

CARLOTINHA.

Faz-te de engraçado! (*Da idô a carta*) Toma; não quero!

PEDRO.

Nhanhã faz isto a um moço delicado!

CARLOTINHA.

Sahio; e nem se quer me olhou.

PEDRO.

Não sabe porque? Porque nhanhã não quiz responder á carta delle?

CARLOTINHA.

E o que heide eu responder?

PEDRO.

Um palavreado, como nhanhã diz quando está no baile?

CARLOTINHA.

Mas elle escreveu em verso.

PEDRO.

Ah! é verso! E Vm. não sabe fazer verso?

CARLOTINHA.

Eu não; nunca aprendi.

PEDRO.

É muito facil; eu ensino a nhanhã; vejo Sr. moço

Eduardo fazer. Quando é esta cousa que se chama prosa, escreve-se o papel todo ; quando é verso, é só no meio, aquellas carreirinhas. (*Vai á mesa*) Olhe ! olhe nhanhã !

CARLOTINHA.

Sabes que mais : a resposta que eu tenho de dar é esta : diz-lhe que, se deseja casar comigo, falle a mão.

PEDRO.

Ora, tudo está em receber a primeira ; depois é carta para lá e carta para cá ; a gente anda como correio de ministro.

CARLOTINHA.

Eu te mostrarei. (*Sahe,*)

SCENA XII.

PEDRO, depois EDUARDO e AZEVEDO.

(*Pedro vai sahir á esquerda, e encontra-se com Eduardo.*)

EDUARDO.

Onde vai ?

PEDRO.

Ia abrir a porta a meu senhor !

EDUARDO, *para a escada.*

Entra, Azevedo ! Eis-aquí o meu aposento de rapaz solteiro ; uma sala e uma alcova. É pequeno, porém basta-me !

AZEVEDO.

É um excellente *appartement* ! Magnifico para um *garçon*. (*Apontando para Pedro*) Este é o teu *valet de chambre* ?

EDUARDO.

É verdade; um vadio de conta!

PEDRO, *a Azevedo, á meia voz.*

Hò!... Senhor está descompondo Pedro na lingua de francez. (*Azevedo ri-se.*)

EDUARDO, *correndo o aposento.*

Deste lado é o interior da casa; aqui tenho janellas para um pequeno jardim, e uma bella vista. Vivo completamente independente da familia. (*Apontando para a porta da esquerda*) Tenho esta entrada separada. Por isso podes vir conversar quando quizeres sem a menor cerimonia; estaremos em perfeita liberdade escolastica.

AZEVEDO.

Obrigado; heide apparecer. (*Olhando os quadros*) Ah! tens as tuas paisagens *signées* Lacroix? Mas não são legitimas; vi-as em Paris *chez Guinot*; fazem uma differença enorme.

EDUARDO.

Não ha duvida; mas não as comprei pelo nome; achei-as bonitas. (*Tomando a caixa de charutos*) Querres fumar?

AZEVEDO.

Acceito; esqueci o meu *porte-cigarres*. São excellentes os teus charutos. Onde os compras? No Desmarais?

EDUARDO.

Onde os encontro melhores; não me recordo de que casa são estes... (*Pedro accende uma vela e offerece fogo.*)

PEDRO, *baixo.*

Rapaz muito desfructavel, Sr. moço! Parece cabelleiro da rua do Ouvidor!

EDUARDO.

Cala-te! (*Pedro sahe.*)

AZEVEDO, *accende o charuto.*

Obrigado !... (*Senta-se na cadeira de balanço*) Eis o que se chama em Paris — *parfumer la causerie* !

EDUARDO, *sentando-se na ottomana.*

Com que então vais te casar? Ora quem diria que aquelle Azevedo que eu conheci tão voluvel, tão apolo-gista do celibato...

AZEVEDO.

E ainda sou, meu amigo ; dou-te de conselho que não te cases. O celibato é o verdadeiro estado !... Lembra-te que Christo foi *garçon* !

EDUARDO.

Sim ; mas as tuas theorias não se conformão com esse exemplo de sublime castidade ; são um tanto turcas.

AZEVEDO.

Considera porém a differença que vai da divindade ao homem.

EDUARDO.

Mas enfim sempre te resolveste a casar ?

AZEVEDO.

Certas razões !

EDUARDO.

Uma paixão ?

AZEVEDO.

Qual ! Sabes que sou incapaz de amar o quer que seja ; algum tempo quiz convencer-me que o meu *eu* amava a minha *bete* ; que era egoista ; mas desenganei-me ; faço tão pouco caso de mim, como do resto da raça humana.

EDUARDO.

Assim, não amas a tua noiva ?

AZEVEDO.

Não, de certo.

EDUARDO.

É rica talvez ; casas por conveniencia ?

AZEVEDO.

Ora, meu amigo, um moço de trinta annos, que tem, como eu, uma fortuna independente, não precisa tentar a *chasse au mariage*. Com trezentos contos póde-se viver.

EDUARDO.

E viver brilhantemente ; porém não comprehendo então o motivo...

AZEVEDO.

Eu te digo ! Estou completamente *blasé* ; estou gasto para essa vida de *flaneur* dos salões ; Paris me saciou ; as grandes *lorettes* me embotarão o coração ; *Mabille*, e *Chateau des Fleurs*, embriagarão-me tantas vezes de de prazer, que deixarão-me insensivel. A mulher hoje é para mim um copo de *Clicot* que tomo por costume ao jantar, e que espuma no calice, mas já não me tolda o espirito !

EDUARDO, *rindo*.

E esperaste chegar a este estado para te casares ?

AZEVEDO.

Justamente. Tiro disso duas conveniencias : a primeira, é que um marido como eu está preparado para desempenhar perfeitamente o seu grave papel de carregador do mantelete, do leque ou do binoculo ; e de apresentador dos apaixonados de sua mulher.

EDUARDO.

Com effeito ! Admiro o sangue frio com que descreves a perspectiva do teu casamento.

AZEVEDO.

Chacun son tour, Eduardo ; nada mais justo. A segunda conveniencia, e a principal, é que rico, independente, com alguma intelligência, quanto basta para es- perdiçar em uma conversa banal, resolvi-me entrar na carreira publica.

EDUARDO.

Seriamente ?

AZEVEDO.

Já dei os primeiros passos ; pretendo a diplomacia, ou a administração.

EDUARDO.

E para isso precisas casar ?

AZEVEDO.

De certo !... Uma mulher é indispensavel ; e uma mulher bonita !... É o meio pelo qual um homem se se distingue no *grand monde* !... Um circulo de adoradores cerca immediatamente a senhora elegante e espi- rituosa que fez a sua appareção nos salões de uma ma- neira deslumbrante ! Os elogios, a admiração, a consi- deração social acompanhão na sua ascensão esse astro luminoso, cuja cauda é uma crinolina, e cujo brilho vem da casa do Valais ou da Berat, á custa de alguns contos de réis ! Ora, como no matrimonio existe a com- munhão de corpo e de hens, os apaixonados da mulher tornão-se amigos do marido, e vice-versa ; o triumpho que tem a belleza de uma, lança um reflexo sobre a po- sição do outro. E assim consegue-se tudo !

EDUARDO,

Tu gracejas, Azevedo ; não é possivel que um homem

accete dignamente esse papel. A mulher não é, nem deve ser um objecto de ostentação que se traga como um alfinete de brilhante ou uma joia qualquer para chamar a attenção ! Não é, nem póde ser um fraste de luxo ou uma pastilha de que se use para obsequiar os amigos !

AZEVEDO.

Bravo ! Fizeste a mais poetica e a mais justa das comparações, meu amigo ! Disseste com muito espirito ; a mulher é uma caixa de pastilhas perfumadas, um cofre de sorrisos, de olhares, de palavras amaveis... E nada mais !

EDUARDO, *erguendo-se.*

Ora não acredito que falles seriamente !

AZEVEDO, *erguendo-se.*

Podes não acreditar, mas isso não impede que a realidade seja essa. Estás ainda muito poeta, meu Eduardo, vai a Paris e volta ! Eu fui creança no espirito e voltei com a razão de um velho de oitenta annos. (*Sobe a scena.*)

EDUARDO.

Mas com o coração pervertido !... Ouve, Azevedo. Estou convencido que ha um grande erro na maneira de viver actualmente. A sociedade, isto é, a vida exterior, tem-se desenvolvido tanto que ameaça destruir a familia, isto é, a vida intima. A mulher, o marido, os fillos, os irmãos, atirão-se nesse turbilhão dos prazeres, paixão dos bailes aos theatros, dos jantares ás partidas ; e quando nas horas de repouso se reúnem no interior de suas casas, são como estrangeiros que se encontram um momento sob a tolda do mesmo navio para se separarem logo. Não ha ahí a doce effusão dos sentimentos, nem o bem-estar do homem que respira n'uma athmosphera pura e suave. O serão da familia desapareceu ; são apenas alguns parentes que se juntão por habito, é

que trazem para a sua vida domestica, um o tedio dos prazeres, o outro as recordações da noite antecedente, o outro o aborrecimento das vigílias !

AZEVEDO.

• E que conclues desta tirada philosophico-sentimental?

EDUARDO.

Concluo que é por isso que se encontram hoje tantos moços gastos como tu ; tantas moças para quem a felicidade consiste em uma quadrilha ; tantos maridos que correm atraz de uma sombra chamada consideração ; e tantos pais illudidos que se arruinão para satisfazer o capricho de suas filhas, jungando que é esse o meio de dar-lhes a ventura !

AZEVEDO.

Realmente estás excentrico. Onde é que aprendeste estas theorias.

EDUARDO.

Na experiencia ; tambem fui attrahido, tambem fui levado pela imaginação que me dourava todos esses prazeres ephemeros ; e conheci que só havia nelles de real uma cousa.

AZEVEDO.

O que ?

• EDUARDO.

Uma lição ; uma boa e util lição. Ensinarão-me a estimar aquillo que eu antes não sabia apreciar ; fizeram-me voltar ao seio da familia, á vida íntima !

AZEVEDO.

Hasde mudar. (*Toma o chapéo e as luvas.*)

EDUARDO.

Não creio !... Já te vais ?

AZEVEDO.

Tenho que fazer; algumas massadas de homem que se despede da sua vida de *garçon*. Janto hoje com minha noiva; amanhã parto para minha fazenda, onde me demorarei alguns dias, e na volta terei o prazer de te anunciar com todas as formalidades do estylo, em *carton porcellaine*, sob a competente *enveloppe satinée et dorée sur tranche*, o meu casamento com a Sra. D. Henriqueta de Vasconcellos.

EDUARDO, *sorprezo*.

Henriqueta!... Ah! É com ella que tẽ casas?

AZEVEDO.

Sim; porque te causa isto admiração?

EDUARDO.

Nada! Julguei que escolhesses melhor! É tão pobre!

AZEVEDO.

Mas é bonita e tem muito espirito. Hade fazer furor quando a *Gudin* ageita-la á parisiense.

EDUARDO.

Dizem que é muito modesta.

AZEVEDO.

Toda a mulher é vaidosa, Eduardo; a modestia mesmo é uma especie de vaidade inventada pela pobreza para seu uso exclusivo!

EDUARDO.

Assim estás decidido?

AZEVEDO.

Mais que decidido! Estou noivo já. Adeos, apparece; andas muito raro. (*Sahe.*)

SCENA XIII.

EDUARDO, PEDRO.

(*Eduardo fica um momento pensativo.*)

PEDRO, *entrando.*

O jantar está na mesa.

EDUARDO.

Não me masses! Vai-te embora.

PEDRO.

Sr. não vem então?

EDUARDO.

Chega aqui. Tu sabias que D. Henriqueta estava para casar.

PEDRO, *perturbado.*

Sabia, sim, senhor; rapariga della me contou.

EDUARDO.

E porque não vieste dizer-me?

PEDRO.

Porque Vm. me deu ordem que não fallasse mais no nome della.

EDUARDO.

É verdade.

SCENA XIV.

OS MESMOS, CARLOTINHA.

CARLOTINHA, *entrando.*

Demorou-se muito, mano; eu lhe esperci. Agora va-
os jantar!

EDUARDO.

Não ; não tenho vontade ; deixa-me.

PEDRO.

Sr. moço está triste porque sinhá Henriqueta vae casar !

EDUARDO, *erguendo-se.*

Moleque !

CARLOTINHA, *baixo a Eduardo.*

Você sabia ? Era della mesmo que eu queria fallar-lhe.

EDUARDO.

Sabia ; o seu noivo acaba de sahir daqui.

CARLOTINHA.

Um Azevedo ? não é ?

EDUARDO.

Sim ; um homem que, além de não ama-la, estima-a tanto como as suas botas envernizadas, os seus cavallos do Cabo, ou os seus cabellos frisados.

CARLOTINHA.

Mas você não sabe a razão desse casamento ?

EDUARDO.

Sei, Carlotinha ; um amor pobre possui thesouros de sentimentos ; mas não é moeda com que se comprem velludos e sedas !

CARLOTINHA.

Oh ! mano, não seja injusto ; ella me contou tudo !

EDUARDO, *com ironia.*

Desejava saber o que te disse.

CARLOTINHA.

Logo; depois de jantar, no jardim. Venha, mamãe está nos esperando.

SEGUNDO ACTO.

O jardim da casa de Eduardo ; junto do proscenio um caramanchão aberto, com algumas cadeiras de ferro ; do lado opposto, acompanhando uma cerca baixa, bancos de madeira. Embaixo do caramanchão uma mesa de pedra ; e em cima della uma pequena bandeja com chicaras de café. Vasos de flores ; ornatos de jardim ; e arvoredo no fundo. São cinco horãs da tarde.

SCENA I.

EDUARDO, CARLOTINHA, D. MARIA.

Ao levantar o panno Carlotinha e Eduardo, sentados sobre o caramanchão, tem acabado de tomar café ; Eduardo fuma. D. Maria, que tem corrido os canteiros, chega-se para elles e senta-se. Eduardo levanta-se para occultar o charuto.

EDUARDO.

Lembras-te do que me prometteste ?

CARLOTINHA.

Fallar-lhe de Henriqueta?... Lembro-me.

EDUARDO.

Que te disse ella ?

CARLOTINHA.

Muita cousa ! Mamãe não nos ouvirá ? (*Volta-se.*)

EDUARDO.

Não ; pódes fallar. Estou impaciente !

CARLOTINHA.

Ahi vem ella !

D. MARIA, *chegando*.

Ora Carlotinha ; tu com as tuas flores tens tomado de tal maneira os canteiros que já não posso plantar uma hortaliça.

CARLOTINHA.

Porém, mamãe !... É tão bonito a gente ter uma camelia, uma rosa para offerecer a uma amiga que nos vem visitar ?

D. MARIA.

É verdade, minha filha ; mas não te lembras que tambem gostas de dar-lhes uma fructa delicada... Assim os meus morangos estão morrendo, porque as tuas violetas não deixão...

CARLOTINHA.

É a flôr da minha paixão ! As violetas ! Que perfume !

D. MARIA.

E os meus morangos, que sabor ! Não tenho mais um pé de alface ou de chicoria...

EDUARDO.

Não se agonie, minha mãe ; eu mandarei fazer uma pequena divisão no quintal ; deste lado Carlotinha terá o seu jardim ; do outro Vm. mandará preparar a sua horta.

D. MARIA.

Estimo muito, meu filho ! É por vocês que eu tomo este trabalho.

EDUARDO.

E nós não o sabemos ? Todo o nosso amor não paga

esses pequenos cuidados, essas atenções delicadas de uma mãe que só vive para seus filhos.

D. MARIA.

O unico amor que não pede recompensa, Eduardo, é o amor de mãe ; mas se eu a desejasse, que melhor podia ter do que o orgulho de ver-te em uma bonita posição, admirado pelos teus amigos, e estimado mesmo pelos que não te conhecem ?

CARLOTINHA, *sorrindo.*

Não o deite a perder, mamãe ; depois fica todo cheio de si !

EDUARDO.

Por ter uma irmã como tu, não é ?

CARLOTINHA.

Não se trata de mim.

D. MARIA, *levantando-se.*

Vocês ficão ? A tarde está bastante fresca !

EDUARDO.

Já vamos, minha mãe. (*Sahe D. Maria.*)

SCENA II.

EDUARDO, CARLOTINHA.

CARLOTINHA, *acompanha a mãe com os olhos.*

Ora emfim ! Podemos conversar, mano !

EDUARDO.

Sim ! Estou ancioso por saber o que ella te disse ?

Com que fim veio ver-te ! Naturalmente foi para dar-me mais uma prova de Indiferença participando-te o seu casamento !...

CARLOTINHA.

Foi para lhe ver uma ultima vez ! Ah ! você não se lembra então do que se passou ! Falla de indiferença ? E ella que se queixa da sua frieza, do seu desdenho !

EDUARDO.

Ella queixa-se... E de mim !... Estava zombando !

CARLOTINHA.

Zomba-se com as lagrimas nos olhos, e com a voz cortada pelos soluços ?

EDUARDO.

Que dizes ? Ella chorava !...

CARLOTINHA.

Sobre o meu selo ; e eu não sabia como a consglasse.

EDUARDO.

Não comprehendo !...

CARLOTINHA.

Porque ?

EDUARDO.

Eu te direi depois. Conta-me o que ella te disse.

CARLOTINHA.

Foi tanta cousa !... Sim ; disse-me que todos os dias lhe via da casa della, de manhã e de tarde, na janella do seu quarto.

EDUARDO.

É verdade.

CARLOTINHA.

Mas que uma tarde vindo aqui, mano não lhe deu uma palavra.

EDUARDO.

E a razão disto não declarou ?

CARLOTINHA.

Ella ignora !

EDUARDO.

Como !

CARLOTINHA.

Procurou recordar-se das suas menores acções para ver se poderia ter dado causa á sua mudança ; e não achou nada que devesse servir nem mesmo de pretexto.

EDUARDO.

Com effeito ; o fingimento chega a esse ponto.

CARLOTINHA.

É injusto, mano ; aquelle amor não se finge. Quando ella me recitou os versos que você lhe mandou...

EDUARDO.

Eu... versos ?

CARLOTINHA.

Sim ; uns versos em que a chamava de namoradeira : em que a ridicularisava.

EDUARDO, *levantando-se.*

Mas não ha tal ; nunca lhe mandei versos.

CARLOTINHA.

Ella os recebeu de Pedro ; eu os vi, escriptos por sua letra.

EDUARDO.

Não é possível !

CARLOTINHA.

Ha nisto algum engano ; deixe-me acabar ; depois verá.

EDUARDO.

Eu te escuto.

CARLOTINHA.

Os seus versos ..

EDUARDO.

Meus, não.

CARLOTINHA.

Pois bem, os versos causarão-lhe uma dôr mortal ; conheceo que mano escarnecia della, e desde então passava as noites a chorar, e o dia a olhar entre as cortinas para ao menos ter o consolo de avista-lo de longe e de relance. Mas você conservava fechada a unica janella na qual ella podia ve-lo.

EDUARDO.

Não sabes porque ? Um dia mandou-me dizer por Pedro que a minha curiosidade a encommodava. Desde então privei-me do prazer de olha-la...

CARLOTINHA.

É inexplicavel!... Mas como lhe dizia, passarão-se dous mezes ; ella perdeu a esperança ; seu pae tratou de

casa-la ; desde que não podia lhe pertencer, pouco lhe importava o homem a quem a destinavão. Consentio em tudo ; mas antes de dar a sua promessa definitiva, quiz ve-lo pela ultima vez...

EDUARDO.

Porque ?

CARLOTINHA.

Porque hoje o noivo ia jantar em sua casa ; e ahi as tres horas decidia-se tudo. Pois bem, antes de dizer sim, ella veio ; e jurou-me por sua mãe, que se encontrasse mano em casa, se mano a olhasse docemente, sem aquelle olhar severo de outr'ora...

EDUARDO.

Que faria ?

CARLOTINHA.

Não se casaria ; e viveria com essa unica esperança de que um dia mano comprehenderia o seu amor !

EDUARDO.

Assim como não me encontrou...

CARLOTINHA.

Como você não quiz ve-la !

EDUARDO.

Eu não quiz ?... É verdade !

CARLOTINHA.

Quando o chamei, ella nos esperava toda tremula.

EDUARDO.

Podia eu saber ? Podia conceber semelhante cousa á

vista do que se passou! (*Reflectindo*) Não; não acredito.

CARLOTINHA.

O que?

EDUARDO.

Que Pedro tenha maquinado semelhante cousa.

CARLOTINHA.

E eu acredito.

EDUARDO.

Vou saber disto! Porém dize-me! Depois?

CARLOTINHA.

Você sahio. Eu esperei muito tempo no seu quarto para ver se voltava. Tardou tanto, que por fim vi-me obrigada a desengana-la.

EDUARDO.

Então ella voltou?...

CARLOTINHA.

Com o coração partido...

EDUARDO.

E foi dar esse consentimento, que seu pae esperava; a esta hora é noiva de um homem que faz della um objecto de especulação. (*Passeia distrahido.*)

SCENA III.
OS MESMOS, PEDRO.

PEDRO, *entrando, á Carlotinha.*

Sinhá velha está chamando nhanhã Carlotinha lá na sala.

CARLOTINHA.

Para que ?

PEDRO.

Para ver moleque de realejo que está passando. (*A meia voz*) Mentira só !

CARLOTINHA, *voltando-se.*

O que ?

PEDRO.

Boneco de realejo que está dansando !

CARLOTINHA.

Ora, não estou para isso.

PEDRO.

Umm !... menina está reinando. Mas Pedro não deixa ! Nhanhã não vae ?

CARLOTINHA.

Que te importa ? Chega aqui ; quero saber uma cousa.

PEDRO.

O que é, nhanhã ?

CARLOTINHA, *a Eduardo.*

Mano, vamos perguntar-lhe ?

EDUARDO.

Deixa estar ; eu pergunto ! (*Affasta-se com ella*) Escuta ; queria pedir-te um favor.

CARLOTINHA.

Falle, mano ; precisa pedir ?

EDUARDO.

Desejo fallar a Henriqueta. Podes fazer com que ella venha passar a noite comigo ?

CARLOTINHA.

Vou escrever-lhe ! Estou quasi certa de que ella vem !

EDUARDO.

Obrigado ! (*Sahe Carlotinha.*)

SCENA IV.

EDUARDO, PEDRO.

EDUARDO.

Vem cá !

PEDRO.

Senhor !

EDUARDO.

Responde-me a verdade.

PEDRO.

Pedro não mente nunca.

EDUARDO.

Que versos são uns que entregaste a D. Henriqueta de minha parte ?

PEDRO, *perturbado.*

Forão versos que senhor escreveo...

EDUARDO.

Que eu escrevi ?

PEDRO.

Sim, senhor.

EDUARDO.

A Henriqueta ?

PEDRO.

Não, senhor ?

EDUARDO.

A quem então ?

PEDRO.

A' viuva.

EDUARDO.

Que viuva ?

PEDRO.

Essa que mora aqui adiante ; mulher rica ; do grande tom.

EDUARDO, *rindo-se.*

Ah ! lembro-me ! E tu levaste esses versos á Henriqueta ?

PEDRO.

Levei, sim, senhor.

EDUARDO, *serio.*

Com que fim, Pedro ?

PEDRO.

Sr. não se zanga ; Pedro diz porque fez isso.

EDUARDO.

Falla logo de uma vez. Que remedio tenho eu senão rir-me do que me succede.

PEDRO.

Sinhá Henriqueta é pobre ; pae anda muito por baixo ; senhor casando com ella não arranja nada ! Moça gasta muito ; todo o dia vestido novo ; camarote no theatro para ver aquella mulher que morre cantando ; carro de aluguel na porta ; vae passear na rua do Ouvidor, quer comprar tudo que vê.

EDUARDO.

Ora, não sabia que tinha um moralista desta força em casa !

PEDRO.

Depois modista, costureira, homem da loja, cabelleiro, cambista, cocheiro, ourives, tudo mandando a conta ; e senhor vexado : « Diz que não estou em casa » como faz aquelle homem que mora defronte !

EDUARDO.

Então foi para que eu não me casasse pobre que fizeste tudo isto ? Que inventaste o recado que me deste em nome de Henriqueta ?...

PEDRO.

Pedro tinha arranjado casamento bom ; viuva rica ; duzentos contos ; quatro carros ; duas parelhas ; sala com tapete. Mas senhor estava enfeitado por sinhá Henriqueta ; e não queria saber de nada. Precisava trocar ; Pedro trocou.

EDUARDO.

O que é que trocaste?

PEDRO.

Verso feio da viuva foi para sinhá Henriqueta ; verso bonito de sinhá Henriqueta foi para a viuva.

EDUARDO.

De maneira que estou com um casamento arranjado, com uma correspondencia amorosa e poetica ; e tudo isto graças á tua habilidade ?

PEDRO.

Negocio está prompto, sim senhor ; é só querer. Pedro de vez em quando leva uma flor ou um verso que senhor deixa em cima da mesa. Já perguntou porque Vm. não vae visitar ella !

EDUARDO, *rindo-se.*

Eis um corrector de casamentos, que seria um achado precioso para certos individuos do meu conhecimento ! Vou tratar de vender-te a algum delles para que possas aproveitar o teu genio industrioso.

PEDRO.

Oh ! Não ; Pedro quer servir a meu senhor ! Vm. perdôa ; foi para ver senhor rico !

EDUARDO.

E que lucras tu com isto ? Sou eu tão pobre que te falte com aquillo de que precisas ? Não te trato mais como um amigo do que como um escravo ?

PEDRO.

Oh ! trata muito bem ; mas Pedro queria que senhor

tivesse muito dinheiro e comprasse carro bem bonito para...

EDUARDO.

Para?... Dize !...

PEDRO.

Para Pedro ser cocheiro de senhor !

EDUARDO.

Então a razão unica de tudo isto é o desejo que tens de ser cocheiro ?

PEDRO.

Sim, senhor !

EDUARDO, *rindo-se.*

Muito bem ! Assim pouco te importava que eu ficasse mal com uma pessoa que estimava ; que me casasse com uma velha ridicula ; que vivesse massado e aborrecido ; comtanto que tu governasses dous cavallos em um carro ! Tens razão !... E eu ainda devo dar-me por muito feliz, que fosse esse motivo frivolo, mas innocente, que te obrigasse a trahir a minha confiança. (*Eduardo sahe.*)

SCENA V.

PEDRO, CARLOTINHA.

CARLOTINHA, *entrando.*

Já escrevi ! (*Olhando*) Ah ! mano não está. (*Dando com Pedro*) Pedro !...

PEDRO, *olha.*

Nhanhã !

CARLOTINHA.

Que fazes tu ahi ?

PEDRO.

Oh ! Pedro não está bom hoje, não ; senhor está zangado.

CARLOTINHA.

Porque ? Por causa de Henriqueta ?

PEDRO.

Sim ; Pedro fez historia de negro ; enganou senhor. Mas hoje mesmo tudo fica direito.

CARLOTINHA.

Que vais tu fazer ? Melhor é que estejas socegado !

PEDRO.

Oh ! Pedro sabe como hade arranjar este negocio. Nhanhã não se lembra, no theatro lyrico, uma peça que se representa, e que tem homem chamado Sr. Figaro, que canta assim :

Tra-la-la-la-la-la-la-tra ! !
Sono un barbiere di qualità !
Fare la barba per carità !...

CARLOTINHA, *rindo-se.*

Ah ! O Barbeiro de Sevilha !

PEDRO.

É isso mesmo. Esse barbeiro, Sr. Figaro, homem fino mesmo, faz tanta cousa que arranja casamento de sinhá Rosinha com nhônhô Lindóro. E velho doutor fica chupando no dedo, com aquelle frade D. Basilio !

CARLOTINHA.

Que queres tu dizer com isto ?

PEDRO.

Pedro tem manha muita ; mais que Sr. Figaro ! Hade arranjar casamento de Sr. moço Eduardo com sinhá Henriqueta. Nhanhã não sabe aquella aria que canta sujeito que falla grosso ? (*Cantando*) *La calunnia!*...

CARLOTINHA.

Deixa-te de prosas !

PEDRO.

Prosa, não ; é verso ! Verso italiano que se canta !

CARLOTINHA, *rindo*.

Tu tambem sabes italiano ?

PEDRO.

Ora ! Quando Sr. moço era estudante e mandava levar ramo de flor á dansarina do theatro, aquella que tem perna de engonço, Pedro fallava mesmo como patricio della : « *Un fiore, signorina !* »

CARLOTINHA.

Ah ! mano mandava flores ás dansarinas ! (*Meio á parte*) E diz que amava a Henriqueta !

PEDRO.

Ora moço póde gostar de tres moças ao mesmo tempo. Esse bicho que se chama amor, está nos olhos, nos ouvidos e no coração : moço gosta de mulher bonita só para ver, de mulher de theatro só para ouvir cantar, e de mulher de casamento para pensar nella todo o dia !

CARLOTINHA.

Não sejas tolo ! A gente só deve gostar de uma pessoa ! Aposto que o tal Sr. Alfredo é desses !

PEDRO.

Qual! Sr. Alfredo é só de nhanhã ; mas é preciso responder a elle.

CARLOTINHA.

Já não te disse a resposta ; porque não déstes ?

PEDRO.

Homem não gosta dessa resposta de boca ; diz que é mentira. Gosta de papelinho para guardar na carteira, lembrando-se de anginho que escreveu.

CARLOTINHA.

Escrever, nunca ; não tenho animo !...

PEDRO.

Pois, olhe : nhanhã tira duas violetas ; põe uma nos cabellos, manda outra a elle ! Isto de flor !... Umm !... Faz coega no coração.

CARLOTINHA.

Deste modo... sim... eu podia...

PEDRO.

Então vá buscar a flor já ! Pedro leva !

CARLOTINHA.

Não, não quero !

PEDRO.

Eu vou ver !

CARLOTINHA.

Não é preciso ! Eu tenho !...

PEDRO.

Ah ! nhanhã já tem !

CARLOTINHA, *põe a mão no seio.*

Estão aqui.

PEDRO.

Melhor ! (*Estendendo a mão*) Dê cá, nhandã.

CARLOTINHA, *dando.*

Mas olha !... Não !

PEDRO, *tomando.*

Hi !... Sr. Alfredo vae comer esta violeta de beijo só, quando souber que esteve no seio de nhandã !

CARLOTINHA.

Dá-me ! não quero !... (*Pedro sahe correndo.*)

PEDRO.

SCENA VI.

CARLOTINHA, EDUARDO.

CARLOTINHA.

Meu Deos ! (*Eduardo apparece*) Ah ! mano. (*Fica perturbada.*)

EDUARDO.

Já sube tudo ; uma malignidade de Pedro. É a consequencia de abrigarmos em nosso seio esses reptis venenosos, que quando menos esperamos nos mordem no coração ! Mas emfim ainda se póde reparar. Escreveste a Henriqueta ?

CARLOTINHA, *cada vez mais perturbada.*

Sim ; a resposta não deve tardar !

EDUARDO.

Tu és um anjo, Carlotinha !

CARLOTINHA, *com expressão.*

Como se engana, mano !

EDUARDO.

Que queres dizer ?

CARLOTINHA.

Nada ! Eu devia lhe contar ! Mas...

EDUARDO.

Tens alguma cousa a dizer-me ? Porque não fallas ?

CARLOTINHA.

Tenho medo !

EDUARDO.

De teu irmão ! Não tens razão !

CARLOTINHA.

Mesmo por ser meu irmão, não gostará...

EDUARDO.

Mais um motivo. Um irmão, Carlotinha, é para sua irmã menos do que uma mãe, porém mais do que um pae ; tem menos ternura do que uma, e inspira menos respeito do que o outro. Quando Deos o collocou na familia a par dessas almas puras e innocentes como a tua, deu-lhe uma missão bem delicada ; ordenou-lhe que moderasse para sua irmã a excessiva austeridade de seu pae, e a ternura muitas vezes exagerada de sua mãe ; elle é homem e moço ; conhece o mundo, porém também comprehende o coração de uma menina, que é sempre um

mytho para os velhos já esquecidos de sua mocidade. Portanto a quem melhor podes contar um segredo do que a mim?

CARLOTINHA.

É verdade; suas palavras me decidem; você é meu irmão, e o chefe da nossa familia, desde que perdemos nosso pae. Devo dizer-lhe tudo; tem o direito de reprehender-me!

EDUARDO.

Commetteste alguma falta!

CARLOTINHA.

Creio que sim! Uma falta bem grave!

EDUARDO, *inquieta*.

Minha irmã!... Acaso terás esquecido!...

CARLOTINHA.

Oh! se toma esse ar severo não terei animo de dizer-lhe!

EDUARDO, *com esforço*.

Estou calmo, mana, não vês. Falla!

CARLOTINHA.

Sim! Sim! É que me custa a dizer!... Não faz idéa!

EDUARDO.

Vamos! Coragem!

CARLOTINHA.

Conhece um moço, que ás vezes lhe vem procurar... chama-se Alfredo!...

EDUARDO.

Que tem ?...

CARLOTINHA.

Pois esse moço... ama-me, e...

EDUARDO.

E que fizeste ?

CARLOTINHA, *atirando-se ao peito de Eduardo.*

Mandei-lhe uma flor !... mas uma só !

EDUARDO, *respirando.*

Ah ! (*Sorrindo*) Assim é esta a falta que commetteste !
A primeira e a unica !

CARLOTINHA.

Não !... Devo dizer-lhe tudo ! Li esta carta. (*Tira*)
Tome ; ella queima-me o seio.

EDUARDO, *lendo rapidamente.*

Quem te entregou ?

CARLOTINHA.

Pedro ; deitou no meu bolso sem que o percebesse.

EDUARDO.

Oh ! eu advinhava !... E respondeste ?

CARLOTINHA.

Pois a violeta foi a resposta ! Não queria dar ! Mas lembrei-me que assim como Henriqueta lhe amava, tambem eu podia ama-lo !...

EDUARDO.

Tens razão, minha irmã ; commetteste uma falta ; mas

te arrependeste a tempo. Não te envergonhes disto ; és moça e inexperiente ; a culpa foi minha, e minha só.

CARLOTINHA.

Sua, mano ! Como ?

EDUARDO.

Eu te digo : acabas de dar-me uma prova do teu discernimento ; o que vou dizer-te será uma lição. Os moços ainda os mais tímidos como eu, minha irmã, sentem quando entram na vida uma necessidade de gosar desses amores faceis que durão alguns dias, e que passão deixando o desgosto n'alma ! Eu fui fascinado pela mesma miragem ; depois quiz esquecer Henriqueta, e procurei nos olhares e nos sorrisos das mulheres um balsamo para o que eu soffria. Illusão ! o amor vivia ; e nas minhas extravagancias o que eu esquecia é que tinha uma irmã innocente confiada á minha guarda. Imprudente, eu abrigava no seio de minha familia, no meu lar domestico, a testemunha e o mensageiro de minhas loucuras : alimentava o verme que que podia crestar a flor de tua alma. Sim, minha irmã ! Tu commetteste uma falta ; eu commetti um crime !

CARLOTINHA.

Não se accuse, mano ; é severo de mais para uma cousa que ordinariamente fazem os moços na sua idade !

EDUARDO.

Porque não reflectem !... Se elles conhecessem o fel que encobrem essas rosas do prazer deixa-las-hião murchar, sem sentir-lhes o perfume ! Ha certos objectos tão sagrados que não se devem manchar nem mesmo com a sombra de um máo exemplo ! A reputação de uma moça é um delles. O homem que tem uma familia está obrigado a respeitar em todas as mulheres a innocencia de sua irmã, a honra de sua esposa, e a virtude de sua

mãe. Ninguém deve dar direito a que suas acções justifiquem uma suspeita ou uma calúnia.

CARLOTINHA.

Está bom ; não vá agora ficar triste e pensativo por isso ; já lhe disse tudo ; já lhe dei a carta ; prometto-lhe não pensar mais nelle. Dúvida de mim ?

EDUARDO.

Não. Agradeço a tua confiança ; e acredita que saberei usar della. Já volto.

CARLOTINHA.

Que vae fazer ?

EDUARDO.

Escrever uma carta ; ou antes responder á que recebeste.

CARLOTINHA.

Como, Eduardo ? !...

EDUARDO.

Logo saberás.

CARLOTINHA.

Mas não se zangue com elle ; sim !

EDUARDO.

Tranquillisa-te ; elle te interessa, é um título para que eu o respeite. (*Sahe.*)

SCENA VIII.

CARLOTINHA, depois HENRIQUETA.

HENRIQUETA, fóra.

Carlottinha !...

CARLOTINHA.

Henriqueta ! (*Henriqueta apparece.*)

CARLOTINHA.

Ah ! Eu te esperava !

HENRIQUETA.

E tinhas razão... Mas antes de tudo !... É verdade ?...
O que me escreveste ?...

CARLOTINHA.

Sim ; elle te ama, e te amou sempre ! Um engano,
uma fatalidade..

HENRIQUETA.

Bem cruel !... Eu perdoaria de bom grado á sorte todas as minhas lagrimas, mas não lhe perdôo o fazer-me
mulher de outro !

CARLOTINHA.

Então, está decidido !

HENRIQUETA.

Eu não te disse ! Sou sua noiva ! Meu pae deo-lhe a
sua palavra. Elle me acompanha já com direito de senhor.
Por sua causa estive quasi não vindo...

CARLOTINHA.

Como assim ? Elle recusaria..

HENRIQUETA.

Não ; mas meu pae convidou-o para acompanhar-nos ; e eu lembrei-me que Eduardo soffreria tanto vendo-me junto desse homem, que um momento fiquei indecisa !

CARLOTINHA.

Porque ? Elle sabe que tu não o amas.

HENRIQUETA.

Não importa !

CARLOTINHA.

Mas enfim vieste. Fizeste bem !

HENRIQUETA.

Não sei se fiz bem. Fui arrastada ! Creio que aos pés do altar se elle me chamasse, eu ainda me voltaria para dizer-lhe enquanto sou livre, que o amo, e que só a amarei a elle !

SCENA IX.

OS MESMOS, VASCONCELLOS, D. MARIA, AZEVEDO.

VASCONCELLOS.

Onde está o nosso Doutor ? Não ha mais quem o veja.

CARLOTINHA.

Subio ao seu quarto ; já volta.

VASCONCELLOS.

Oh ! D. Carlotinha ! Como está ? !... Apresento-lhe meu genro, o Sr. Azevedo. (*A Azevedo*) É a mais intima amiga de Henriqueta.

AZEVEDO.

E eu o mais íntimo amigo de seu irmão ! Ha portanto dois motivos bastantes fortes para o meu respeito e consideração.

CARLOTINHA, *seccamente.*

Muito obrigada ! (*A Henriqueta*) Vae te sentar ; estás toda tremula ! (*Azevedo passeia.*)

HENRIQUETA, *baixo.*

E elle porque não vem !

CARLOTINHA.

Não tarda ! (*Afastão-se.*)

VASCONCELLOS, *a D. Maria n'um canto do jardim.*

Parece-me um excellente moço ; e estou certo que hade fazer a felicidade de minha filha.

D. MARIA.

É o que desejo ; tenho muita amizade á sua menina e estimo que seu marido reúna todas as qualidades.

VASCONCELLOS.

Para mim, se quer' que lhe falle a verdade, só lhe noto um pequeno defeito.

D. MARIA.

Qual ? É jogador ?

VASCONCELLOS.

Não ; o jogo já não é um defeito, segundo dizem ; tornou-se um divertimento do bom tom. O que noto em meu genro, e que desejo corrigir-lhe, é o máo còstume de fallar metade em francez e metade em portuguez, de modo que ninguem o póde entender !

D. MARIA.

Ah ! Não observei ainda !

VASCONCELLOS.

É uma mania que elles trazem de Paris, e que os torna soffrivelmente ridiculos. Mas não se querem convencer !

AZEVEDO, *approximando-se.*

Tem um bello jardim, minha senhora ; um verdadeiro *bosquet*. *C'est charmant !* Não perdôo porém a meu amigo Eduardo, não o ter aproveitado para fazer um *kiosque*. Ficaria magnifico !

VASCONCELLOS, *puchando o braço de D. Maria.*

Então, entendeo ?

D. MARIA.

Não ; absolutamente nada !

VASCONCELLOS.

O mesmo me succede ! Tanto que ás vezes ainda duvido que realmente elle me tenha pedido a mão de Henriqueta !

D. MARIA.

Ora ! É de mais ! (*Os dois sóbem !*)

AZEVEDO, *chegando-se á Carlotinha e Henriqueta.*

Aqui passa V. Ex. naturalmente as tardes, conversando com as suas flores, em doce e suave *reverie* !

CARLOTINHA.

Não tenho o costume de sonhar acordada ; isso é bom para as naturezas poeticas.

AZEVEDO.

Les hommes sont poètes ; les femmes sont la poésie, disse um distincto escriptor. (*Olhando um vaso.*) Oh ! eis a flôr classica da belleza.

CARLOTINHA.

A camelia ?

AZEVEDO.

Sim, a camelia é hoje em Paris mais do que uma simples flôr ; é uma condecoração que a moda, verdadeiramente soberana, dá á mulher elegante, como um distinctivo.

CARLOTINHA.

Parece-me que uma senhora não precisa de outro distinctivo além de suas maneiras e de sua graça natural. Que dizes, Henriqueta ?...

HENRIQUETA.

Tens razão, Carlotinha ; não é o enfeite que faz a mulher ; é a mulher que faz o enfeite ; que lhe dá a expressão e o reflexo de sua belleza.

AZEVEDO, *voltando as costas.*

Theorias !... *Fumées d'esprit* !... (*A Carlotinha*) Mas, minha senhora, disse ha pouco que podia-se fazer deste jardim um paraíso !

CARLOTINHA.

Como ? diga-me ; quero executar perfeitamente o seu plano.

AZEVEDO.

Com muito gosto. Vou traçar-lhe em miniatura o jardim de minha casa, de nossa casa D. Henriqueta.

CARLOTINHA, *baixo à Henriqueta.*

Deixo-te só ! *(Dá o braço a Azevedo.)*

AZEVEDO, *afastando-se.*

Aqui *un jet d'eau*. A' noite é de um effeito maravilhoso ! Além de que espalha uma frescura ! *(Desapparecem.)*

SCENA X.

HENRIQUETA, EDUARDO, VASCONCELLOS, D. MARIA.

(Henriqueta desfolha uma flôr.)

HENRIQUETA.

Sim... Não... Sim... *(Sorri.)*

Pausa. Eduardo apparece ; e sem ser visto olha um momento a Henriqueta.)

EDUARDO, *comprimentando.*

D. Henriqueta !

HENRIQUETA.

Ah !... Sr. Eduardo.

(Eduardo sóbe a scena ; Vasconcellos e D. Maria descem ; encontram-se.)

VASCONCELLOS.

Como está ! Eu não passo bem das minhas enxaquecas ! *(Aperta a mão.)*

D. MARIA.

É do tempo !

VASCONCELLOS.

Qual, D. Maria! Molestia de velho! (*Olhando*) Onde está elle? (*A Eduardo*) Quero apresentar-lhe meu futuro genro. (*Descem a scena.*)

EDUARDO.

Conheço-o; é um dos meus camaradas de collegio!

VASCONCELLOS.

Ah! Estimo muito. (*A D. Maria*) Eu cá não tenho camaradas de collegio: mas tenho-os de fogo! Na guerra da Independencia...

SCENA XI.

OS MESMOS, CARLOTINHA, AZEVEDO.

AZEVEDO.

Acabo de dar um passeio pelos Campos Elísios!

CARLOTINHA.

Na imaginação!... É lisongeiro para mim! (*Solta o braço e dirige-se á Henriqueta.*)

EDUARDO, *voltando-se.*

Boa tarde, Azevedo! (*Apertão-se as mãos.*)

HENRIQUETA, *á Carlotinha.*

Ah! nunca esperei!

CARLOTINHA.

O que?

HENRIQUETA.

Tu me illudiste! (*Afastão-se.*)

AZEVEDO, *a Eduardo.*

Participo-te, meu caro, que tens uma irmã encantadora. Estou realmente fascinado. A sua conversa é uma *gerbe* de graça ; uma *fusée* de ditos espirituosos !

EDUARDO, *com ironia.*

Admira ! Pois nunca foi a Paris ; nem está hábituada a conversar com os moços elegantes !...

AZEVEDO.

É realmente *étonnant* !

VASCONCELLOS.

Ora, meu genro, se o Sr. continúa a fallar desta maneira, obriga-me a trazer no bolso daqui em diaute um dictionario de Fonseca.

AZEVEDO, *voltando as costas.*

Os estrangeiros tem razão ! Estamos ainda muito atrasados no Brazil !

CARLOTINHA, *com o braço passado pela cintura de Henriqueta.*

Hasde ver se te enganei !

D. MARIA.

Entremos ; é quasi noite !

TERCEIRO ACTO.

Salla interior da casa de Eduardo ; no fundo vê-se a salla de jantar ; ao lado esquerdo está a salla de visitas , ao lado direito a escada. Mobilia simples. Mesa redonda no centro ; ao lado esquerdo uma conversadeira ; ao lado direito outra : junto das conversadeiras mesas de charão. Apparadores com luzes aos lados.

SCENA I.

EDUARDO, HENRIQUETA, CARLOTINHA, AZEVEDO,
VASCONCELLOS, D. MARIA, PEDRO, JORGE.

Ao levantar o panno toma-se chá. Na mesa do centro, sobre a qual está a bandeja, Carlotinha e Azevedo. Na conversadeira, á direita, Vasconcellos e D. Maria. Na da esquerda Henriqueta. Eduardo passeia no fundo fumando ; ás vezes vê as horas no relógio ; ás vezes aproxima-se. Jorge toma chá n'uma banquinha de charão á esquerda. Pedro com a bandeja de biscoitos e pão acha-se junto de Jorge.)

CARLOTINHA, *rindo-se alto.*

Ora, Sr. Azevedo ! Pois o senhor esteve em Paris e não aprendeu a fazer chá ? !...

AZEVEDO.

Paris, minha senhora, não sabe tomar chá ; é o privilegio de Londres.

D. MARIA, *a Pedro.*

Serve ao Sr. Vasconcellos.

PEDRO, *a Jorge.*

Eh ! nhonhô ! Hoje não fica pão no prato, velho jarreta limpa a bandeja. (*Vae servir.*)

VASCONCELLOS, *servindo-se.*

Excellentes fatias ! É uma cousa que em sua casa sabem preparar.

CARLOTINHA.

Mano Eduardo, venha tomar chá.

EDUARDO.

Não ; depois.

PEDRO, *baixo á Carlotinha.*

Nhanhã está enfeitando o moço !

CARLOTINHA.

Henriqueta, não dizes nada ! Estás tão callada !

HENRIQUETA, *olhando Eduardo.*

Tu me deixaste sózinha.

CARLOTINHA.

Tens razão. (*A Eduardo.*) Ora, mano, deixe-se de passeiar e venha conversar com a gente.

AZEVEDO.

É verdade. Em que pensas, Eduardo ? Na homœopathia ou n'alguma belleza *inconnue* ?

EDUARDO.

Penso na theoria do casamento que me expozeste esta manhã ; estou convertido ás tuas idéas.

AZEVEDO.

Ah !... (*Disfarçando*) D. Carlotinha, não quer que a sirva ? (*Carlotinha agradece.*)

CARLOTINHA, *ergue-se, á Eduardo.*

Vae te sentar junto de Henriqueta.

EDUARDO, *baixo.*

Não ; se me sento junto della esqueço tudo. O meu amor não deve fallar enquanto não tiver cumprido o meu dever. Tu me lembraste ha pouco que sou o chefe de uma familia.

CARLOTINHA.

Não te entendo.

EDUARDO.

Daqui ha pouco entenderás.

D. MARIA, *approximando-se.*

Tens alguma cousa, meu filho ?

EDUARDO.

Não, minha mãe ; espero alguem que tarda. (*D. Maria vae á sala de jantar.*)

CARLOTINHA, *a Henriqueta.*

Não te zangues !... (*Beija-a na face.*)

HENRIQUETA.

Não ; já estou habituada. (*Carlotinha senta-se.*)

PEDRO, *servindo Henriqueta.*

Sr. moço Eduardo gosta muito de sinhá Henriqueta.

HENRIQUETA.

Agora é que me dizes isto !

PEDRO.

Elle hade casar com sinhá !

AZEVEDO, *alto*.

D. Maria, sabe, sua filha está zombando desapiedadamente de mim.

CARLOTINHA.

Não creia, mamãe.

D. MARIA.

De certo ; não é possível, Sr. Azevedo !

VASCONCELLOS, *a Pedro*.

Deixa ver isto !

PEDRO, *baixo e servindo*.

Sr. Vasconcellos come como empigem !

VASCONCELLOS.

Heim !... (*D. Maria senta-se.*)

PEDRO.

Este pão está muito gostoso !

JORGE.

Vem cá, Pedro !

PEDRO, *baixo*.

Guarda nnonhô ! Sinhá velha está só com olho revirado para ver se Pedro mette biscóuto no bolso. (*Jorge levanta-se.*)

CARLOTINHA.

Ora, Sr. Azevedo, não gosto de cumprimentos. (*Ergue-se*) Todo esse tempo, Henriqueta, o teu noivo não fez outra cousa senão *dirigir-me finezas*. Previno-te que não acredites neltas !

HENRIQUETA, *erguendo-se*.

Estás tão alegre hoje, Carlotinha.

CARLOTINHA, *baixo á Henriqueta*.

Isto quer dizer que estás triste ! Tens razão ! Fui egoista. Mas elle te ama !

HENRIQUETA.

Tu o dizes !

AZEVEDO, *a Eduardo*.

Realmente não pensava encontrar no Rio de Janeiro uma moça tão distincta como tua irmã. É uma verdadeira parisiense.

CARLOTINHA.

Vamos para a salla ! Venha Sr. Azevedo ; Mano...
(*Sahem.*)

SCENA II.

VASCONCELLOS, PEDRO, D. MARIA, JORGE.

VASCONCELLOS. 0

É preciso tambem pensar em casar a Carlotinha, D. Maria; já é tempo !

D. MARIA.

Sim, está uma moça ; mas, Sr. Vasconcellos, não me

preoccupo com isto. Ha certas mães que desejão ver-se logo livres de suas filhas, e que só tratão de casa-las; eu sou o contrario.

VASCONCELLOS.

Tem razão ; tambem eu se não estivesse viuvo !... Mas isso de um homem não ter a sua dona de casa, é terrivel ! Anda tudo ás avessas.

D. MARIA.

Por isso não ; Henriqueta é uma boa menina ! Bem educada !...

VASCONCELLOS.

Sim, é uma moça do tom ; porém não serve para aquillo que se chama uma dona de casa ! Estas meninas de hoje aprendem muita cousa : francez, italiano, desenho e musica, mas não sabem fazer um bom doce de ovos, um biscouto gostoso ! Isto era bom para o nosso tempo, D. Maria !

D. MARIA.

Erão outros tempos, Sr. Vasconcellos ; os usos devião ser differentes. Hoje as moças são educadas para a sala ; antigamente erão para o interior da casa !

VASCONCELLOS.

Que é o seu verdadeiro elemento. Confesso que hoje que vou ficar só, se ainda encontrasse uma daquellas senhoras do meu tempo, mesmo viuva !...

D. MARIA, *ergue-se.*

Vamos ouvir as meninas tocarem piano !... (*Caminhando*) Cá deve estar mais fresco !

(*Vasconcellos esquece a caixa e o lenço na conversadeira.*)

SCENA III.

PEDRO, JORGE.

PEDRO, *rindo e batendo na bochecha.*

Hô !... Taboa mesmo na bochecha ! Sinhá velha não brinca ! Ora, senhor ! Homem daquella idade que não serve para mais nada, querendo casar ! Para ter mulher que lhe tome pontos nas meias !

JORGE.

Vou me divertir com elle !

PEDRO.

Não ; sinhá briga. Vá sentar-se lá junto de nhanhã Carlotinha, e ouça o que Sr. Azevedo está dizendo a ella.

JORGE.

Para que ?

PEDRO.

Para contar a Pedro depois.

JORGE.

Eu, não !

PEDRO.

Pois Pedro não leva nhonhô para passeiar na rua do Ouvidor.

JORGE.

Ora, eu já vi !

PEDRO.

Mas agora é que está bonita ! Tem homem de páu vestido de casaca, com barba no queixo, em pé na porta

da loja; e moça rodando como corropio na vidraça de cabellereiro!

JORGE.

Está bom! Eu vou!

(Entra Vasconcellos da salla como procurando alguma cousa.)

SCENA IV.

PEDRO, VASCONCELLOS, JORGE.

VASCONCELLOS, *entrando.*

Não deixaria por aqui a minha caixa e o meu lenço?
(Procurando.)

PEDRO, *a Jorge.*

Um dia é capaz tambem de deixar o nariz!... Vintem é que não esquece nunca! Está grudado dentro do bolso!

JORGE.

Lá no sofá, Sr. Vasconcellos!

VASCONCELLOS.

Ah! cá está! *(Abrindo a caixa)* Acabou-se-me o rapé! Chega aqui, Pedro!

PEDRO, *a Jorge.*

Já vem com massada! *(Alto)* Sr. quer alguma cousa?

VASCONCELLOS.

Vai n'um pulo ali em casa, pede a Josefa que me encha esta caixa de rapé; e traze depressa.

PEDRO.

Sim, senhor ; Pedro vae correndo.

VASCONCELLOS.

Olha ; não te esqueças de dizer-lhe que eu sei a altura em que deixei o bote. A's vezes gosta de tomar a sua pitada á minha custa. (*Vae sair.*)

PEDRO.

Mas, Sr. Vasconcellos...

VASCONCELLOS, *voltando-se.*

O que é ? (*Jorge sahe.*)

PEDRO.

Nhonhô dá uns cobres para comprar... uma jaqueta.

VASCONCELLOS.

Ora que luxo !... Uma jaqueta com este calor ?

PEDRO.

É para passeiar n'um domingo, dia de procissão !

VASCONCELLOS.

Pede a teu senhor !

PEDRO.

Qual !... Elle não dá !

VASCONCELLOS.

Bom costume este ! Vocês fazem pagar caro o chá que se toma nestas casas ! Mas eu não concorro para semelhante abuso !

PEDRO.

Ora ! dez tostões ; moedinha de prata ! Chá no hotel custa mais caro !

VASCONCELLOS.

Sim; vae buscar o rapé e na volta fallaremos. (*Sahe.*)

(*Batem palmas ; Pedro vae á escada ; conduz Alfredo ; e sahe de novo ; ao mesmo tempo entra Eduardo da esquerda.*)

SCENA V.

EDUARDO, ALFREDO.

ALFREDO, *entrando.*

Boa noite. (*Adiantando-se*) Ah ! Dr. Eduardo...

EDUARDO.

Sente-se, Sr. Alfredo ; preciso fallar-lhe.

ALFREDO.

Peço-lhe desculpa de me ter demorado ; mas quando levarão o seu bilhete não estava em casa ; ha pouco é que o recebi e immediatamente...

EDUARDO.

Obrigado ; o que vou dizer-lhe é para mim de grande interesse, e por isso espero que me ouça com attenção.

ALFREDO.

Estou ás suas ordens. (*Sentão-se.*)

EDUARDO, *tirando a carta.*

Sr. Alfredo, minha irmã me pediu que lhe entregasse esta carta.

ALFREDO.

A minha !..

EDUARDO.

Sim. Quanto á resposta, é a mim que compete dá-la. É o direito de um irmão, não o contestará de certo.

ALFREDO, *erguendo-se.*

Póde fazer o que entender.

EDUARDO, *idem.*

Queira sentar-se, senhor ; creio que fallo a um homem de honra, que não deve envergonhar-se dos seus actos.

ALFREDO, *sentando-se.*

Eu o escuto !

EDUARDO, *idem.*

Não pense que vou dirigir-lhe exprobações. Todo o homem tem o direito de amar uma mulher ; o amor é um sentimento natural e espontaneo ; por isso não estranho, ao contrario estimo, que minha irmã inspirasse uma affeição a nma pessoa cujo character aprecio.

ALFREDO.

Então não sei para que essa especie de interrogatorio!...

EDUARDO.

Interrogatorio ? Ainda não lhe fiz uma só pergunta, e nem preciso fazer. Tenho unicamente um obsequio a pedir-lhe ; e depois nos separaremos amigos ou simples conhecidos.

ALFREDO.

Póde fallar, Dr. Eduardo. Começo a comprehende-lo ; e sinto ter a principio interpretado mal as suas palavras.

EDUARDO.

Ainda bem ! Eu sabia que nos havíamos de entender ; posso ser franco. Um homem que ama realmente uma moça, Sr. Alfredo, não deve expo-la ao ridículo e aos motejos dos indifferentes ; não deve deixar que a sua afeição seja um thema para a malignidade dos vizinhos e dos curiosos.

ALFREDO.

É uma accusação immerecida ! Não dei ainda motivos...

EDUARDO.

Estou convencido disso ; e é justamente para que não os dê, e não siga o exemplo de tantos outros, que tomei a liberdade de escrever-lhe convidando-o á vir aqui esta noite. Quero apresenta-lo á minha familia.

ALFREDO.

Como ? Apesar do que sabe ? E do que se passou ?...

EDUARDO.

Mesmo pelo que sei e pelo que se passou. Tenho a este respeito certas idéas ; não sou desses homens que entendem que a reputação de uma mulher deve ir até o ponto de não ser amada. Mas é no seio de sua familia, ao lado de seu irmão, sob o olhar protector de sua mãe, que uma moça deve receber o amor puro e casto daquelle que ella tiver escolhido.

ALFREDO.

Assim me permite...

EDUARDO.

Não permitto aquillo que é um direito de todos. Sómente lhe lembrarei uma cousa, e para isso não é ne-

cessario invocar a amisade ; qualquer alma, ainda a mais indifferente, comprehenderá o alcance do que vou dizer.

ALFREDO.

Não sei o que quer lembrar-me, doutor ; se é porém o respeito que me deve merecer sua irmã, é escusado.

EDUARDO.

Não ; não é isso ; nesse ponto confio no seu character, e confio sobre tudo em minha irmã. O que lhe peço é que antes de acceitar o offerecimento que lhe fiz, reflecta. Se a sua afeição é um capricho passageiro, não ha necessidade de vir buscar no seio da familia a flôr modesta que se occulta na sombra e que perfuma com a sua pureza a velhice de uma mãe, e os intimos gosos da vida domestica. O senhor é um moço distincto ; pôde ser recebido em todos os salões. Ahi achará os protestos de um amor rapidamente esquecido ; ahi no delirio da valsa, e no abandono do baile, pôde embriagar-se de prazer. E quando um dia sentir-se saciado, suas palavras não terão deixado n'um coração virgem o germen de uma paixão que augmentará com o desprezo e o indifferentismo. Porque as mulheres de salão são como as plantas de estufa que vivem n'uma temperatura artificial, e que por conseguinte não sentem nem os raios do sol, nem o frio da noite.

ALFREDO.

Sim ; mas são plantas que dão flores desbotadas e sem aroma. Conheço-as bastante para fugir dellas. A minha afeição, Dr. Eduardo, não se parece com esses amores de um dia !

EDUARDO.

Bem ; é o que desejava ouvir-lhe. (*Erguendo-se, vai á porta da salla, abre e faz um acceno para dentro.*)

SCENA VI.

OS MESMOS, CARLOTINHA.

EDUARDO.

Vem, mana ; quero apresentar-te um dos meus amigos.

ALFREDO, *perturbado.*

Minha senhora !... Estimo muito !...

CARLOTINHA, *confusa.*

Agradeço !... (*A Eduardo, e á meia voz*) Mano !...
Que quer dizer isto ?

EDUARDO.

Uma cousa muito simples ! Desejo que vejas de perto o homem que te interessa ; conhecerás se elle é digno de ti.

CARLOTINHA, *com arrufo.*

Não quero !... Não gosto delle !

EDUARDO, *rindo-se.*

Dir-lhe-has isto mesmo. Em todo o caso é um amigo de teu irmão ! (*A Alfredo*) Previno-lhe, Sr. Alfredo, que não usamos cerimoniaes !

ALFREDO.

Obrigado ; quando se está entre amigos a intimidade é a mais respeitosa, e a mais bella das etiquetas.

EDUARDO.

Muito bem dito !

(*Pedro atravessa a scena, entra na salla com a caixa de rapé, volta, e vem apparecer na porta da direita junto ao proscenio.*)

D. MARIA, *entrando.*

Henriqueta te chama, Carlotinha.

CARLOTINHA.

Sim, mamãe ! (*Sabe.*)

EDUARDO, *a Alfredo.*

É minha mãe ! (*A D. Maria*) Um dos meus amigos, o Sr. Alfredo, que vem pela primeira vez á nossa casa, e que, espero, continuará a frequenta-la.

ALFREDO.

Terei nisto o maior prazer. Eu estimava já, sem conhece-la, a familia do Dr. Eduardo.

D. MARIA.

Pois venha sempre que queira. Os amigos de Eduardo são aqui recebidos como filhos da casa !

ALFREDO.

Não mereço tanto ; e a sua bondade, minha senhora, honra-me em extremo.

EDUARDO.

Vamos ; estão aqui na sala algumas pessoas de nossa amizade, a quem desejo apresenta-lo.

ALFREDO.

Com muito gosto.

D. MARIA.

Eu já volto ! (*Sahem os dois á direita. D. Maria pelo fundo. Pedro entra do gabinete.*)

SCENA VII.

PEDRO, CARLOTINHA.

CARLOTINHA.

Pedro, traz copos d'agua na sala.

PEDRO.

Ho! nhanhã!... Rato está dentro do queijo!

CARLOTINHA.

Não te entendo!

PEDRO.

Sr. Alfredo já sentado junto do piano, só alisando o bigodinho!

CARLOTINHA, *rindo*.

Que tem isso?

PEDRO.

Eh!... Casamento está fervendo! Pedro vae mandar lavar camisa de prega para o dia do banquete.

CARLOTINHA.

Não andes dizendo estas cousas!

PEDRO.

Ora não faz mal! E Sr. Azevedo? Nhanhã vio! Está cahido tambem, só arrastando a asa!

CARLOTINHA, *rindo-se*.

Pedro!... (*Entra na sala.*)

SCENA VIII.

Entra D. MARIA de um lado e EDUARDO de fundo.

D. MARIA.

Onde vaes ?

EDUARDO.

Vinha mesmo em sua procura, minha mãe.

D. MARIA.

Precisas fallar-me ?

EDUARDO.

Quero dizer-lhe uma cousa que lhe interessa. Este moço, Alfredo.

D. MARIA.

O teu amigo !... que me apresentaste ?

EDUARDO.

Ama Carlotinha !

D. MARIA.

Ah !... E ella sabe ?

EDUARDO.

Sabe ; e talvez já o ame !

D. MARIA.

Não é possível ! Tua irmã !...

EDUARDO.

Sim, minha mãe ; ella o ama, sem comprehender ainda o sentimento que começa a revelar-se.

D. MARIA.

E esse moço abrio-se contigo e pedio-te a mão de tua irmã?

EDUARDO.

Não, minha mãe; eu disse-lhe que sabia a affeição que tinha á Carlotinha, e por isso queria apresenta-lo á minha familia.

D. MARIA.

E exigiste delle a promessa de casar-se com ella?

EDUARDO.

Não; não exigi promessa alguma.

D. MARIA.

Foi elle então que a fez espontaneamente?

EDUARDO.

Não podia fazer; porque não tratamos de semelhante cousa.

D. MARIA.

Mas, meu filho, não te entendo: tu chamas para o interior da familia um homem que faz a cõrte á tua irmã, e nem se quer procuras saber as suas intenções!

EDUARDO.

As intenções de um homem, ainda o mais honrado, minha mãe, pertencem ao futuro, que faz dellas uma realidade ou uma mentira. Para que obrigar um moço honesto a mentir, e faltar a sua palavra?...

D. MARIA.

Assim tu julgas que é inutil pedir ou receber uma promessa?

EDUARDO.

Completamente inutil, quando a promessa não constitue uma verdadeira obrigação social, e um direito legitimo.

D. MARIA.

Bem ; neste caso não vejo que necessidade tinhas de aproximar de tua irmã, de trazeres para a tua casa, um homem que póde roubar o socego de tua familia.

EDUARDO.

A razão?... Foi mesmo para que elle soubesse respeitar o socego e a tranquillidade dessa familia em cujo seio é recebido.

D. MARIA.

Não te percebo !...

EDUARDO.

É preciso conhecer o coração humano, minha mãe, para saber quanto as pequeninas circumstancias influem sobre os grandes sentimentos. O amor sobretudo recebe a impressão de qualquer accidente, ajuda o mais imperceptivel. O coração que ama de longe, que concentra o seu amor por não poder exprimi-lo ; que vive separado pela distancia, irrita-se com os obstaculos ; e procura vence-los para aproximar-se. Nessa luta da paixão cega todos os meios são bons ; o affecto puro muitas vezes degenera em desejo insensato, e recorre a esses ardis de que um homem calmo se envergonharia ; corrompe os nossos escravos, introduz a immoralidade no seio das familias, devassa o interior danossa casa, que deve ser sagrado como um templo ; porque realmente é o templo da felicidade domestica.

D. MARIA.

Nisto tens razão, meu filho ! É essa a causa de tantas

desgraças que se dão na nossa sociedade, e com pessoas bem respeitáveis ; mas qual o meio de evita-las ?

EDUARDO.

O meio ? É simples ; é aquelle que acabo de empregar ; e que Vm. extranhou. Tire ao amor os obstáculos que o irritão, a distancia que o fascina, a contrariedade que o cega ; e elle se tornará calmo e puro como a essencia de que dimana. Não ha necessidade de recorrer a meios occultos, quando se pôde ver e fallar livremente ; no meio de uma sala, no seio da intimidade, troca-se uma palavra de affecto, um sorriso, uma doce confidencia ; mas, acredite-me, minha mãe, não se fazem essas promessas e essas concessões perigosas que só arranca o sentimento da impossibilidade.

D. MARIA.

Mas suppõe que esse homem que parece ter na sociedade uma posição honesta, não é digno de tua irmã ; e e que portanto com este meio proteges uma união desigual ?

EDUARDO.

Não tenho esse receio. Ninguem conhece melhor o homem que a ama, do que a propria mulher amada ; mas para isso é preciso que a veja de perto, sem o falso brilho, sem as côres enganadoras que a imaginação empresta aos objectos desconhecidos e mysteriosos. N'uma carta apaixonada, n'uma entrevista alta noite, um desses nossos elegantes do Rio de Janeiro pôde parecer-se com um heróe de romance, aos olhos de uma menina inexperiente ; n'uma sala, conversando, são, quando muito, moços espirituosos ou frivolo. Não ha heróes de casaca e luneta, minha mãe ; nem scenas de drama sobre o eterno thema do calor que está fazendo.

D. MARIA, *indo.*

Pensas bem, Eduardo !

EDUARDO.

Continue a educar o espirito de sua filha como tem feito até agora ; e fique certa que, se Alfredo tivesse uma alma pequena, e um máo character, Carlotinha descobriria primeiro com a segunda vista do amor, do que a senhora com toda a sua sollicitude, e eu com toda a minha experiencia.

D. MARIA.

Desculpa, Eduardo. Sou mulher, sou mãe, sei adorar meus filhos, viver para elles, mas não conheço o mundo como tu. Assustei-me vendo que um perigo ameaçava tua irmã ; tuas palavras porém tranquillisarão-me completamente.

SCENA IX.

OS MESMOS, CARLOTINHA, AZEVEDO.

(*Carlotinha dirige-se a Eduardo.*)

AZEVEDO.

Póde-se fumar nesta sala ?

EDUARDO.

Porque não ? Vou mandar-lhe dar charutos.

CARLOTINHA, *baixo a Eduardo.*

Porque nos deixou, mano ? Henriqueta está tão triste ?

EDUARDO.

Tratava da tua felicidade. (*Sóbe.*)

D. MARIA, *a Azevedo.*

Acha a nossa casa muito insipida, não é verdade, Sr. Azevedo.

AZEVEDO.

Ao contrario, minha senhora, muito agradavel; aqui póde-se estar perfeitamente *à son aise*.

EDUARDO, *a Pedro, na porta.*

Traz charutos e luz.

(D. Maria e Carlotinha entram na sala.)

—

SCENA X.

AZEVEDO, EDUARDO.

AZEVEDO, *sentando-se em uma conversadeira.*

Realmente Henriqueta perde vista em uma sala; não tem aquelle espirito que brilha, aquella graça que seduz, aquella altivez misturada de uma certa *nonchalance* que distingue a mulher elegante!

EDUARDO, *rindo-se.*

Como! Já estás arrependido?

AZEVEDO.

Não; não digo isto! É apenas uma comparação que acabo de fazer. Tua irmã Carlotinha é o contrario... *(Pedro entra.)*

EDUARDO.

Sabes a razão disto?

AZEVEDO.

Não!...

EDUARDO, *sahindo.*

É porque já vês Henriqueta com olhos de marido!

AZEVEDO,

Talvez!...

SCENA XI.

AZEVEDO, PEDRO *entrando.*

PEDRO.

Charutos, Sr. Azevedo; havanas de primeira qualidade, da casa de Wallerstein!

AZEVEDO, *sorrindo.*

Pelo que vejo já os experimentaste! (*Toma os charutos.*)

PEDRO.

Pedro não fuma, não senhor; isto é bom para moço rico, que passeia de tarde, vendo as moças.

AZEVEDO, *rindo.*

Então é preciso fumar para ver as moças?

PEDRO.

Oh! moça não gosta de rapaz que toma rapé, não; como esse velho Sr. Vasconcellos, que anda sempre pingando. Velho porco mesmo!...

AZEVEDO, *rindo.*

Mas tem uma filha bonita!

PEDRO.

Sinhá Henriqueta! noiva de senhor!...

AZEVEDO.

Tu já sabes?..

PEDRO.

Ora já está tudo cheio. Na rua do Ouvidor não se falla de outra cousa.

AZEVEDO.

Ah! quem espalharia? Apenas participei a alguns amigos...

PEDRO.

O velho foi logo dizer a todo o mundo. Vm. não sabe porque?

AZEVEDO.

Não ; porque ?

PEDRO.

Porque... Esse velho deve áquella gente toda da rua do Ouvidor ; filha d'elle gasta muito ; credor não quer mais ouvir historia e vae embrulhar o homem em papel sellado. Então para accommodar logista foi logo contar que estava para casar a filha com sugeito rico, que hade cahir com os cobres !

AZEVEDO.

Isto é verdade, moleque ?

PEDRO.

Caixeiro da loja me contou !

AZEVEDO.

Mas é infame !... Um tal procedimento !... Especular com a minha boa fé !

PEDRO.

Sr. Azevedo, não faz idéa! Esse velho, hi!... Tem feito cousas!...

AZEVEDO.

Vem cá; dize-me o que sabes, e dou-te uma molhadura.

PEDRO.

Pedro diz, sim senhor; mesmo que Vm. não dê nada. É um homem, que ninguém pôde aturar!... Falla mal de todo o mundo. Caloteiro como elle só! Rapé que toma é de meia cara. Na venda ninguém lhe fia nem um vintem de manteiga. Quando passa na rua, caixeiro, molleque, tudo caçõa!

AZEVEDO.

Um sogro desta qualidade!... É uma vergonha! Vejo-me obrigado a ir viver na Europa!...

PEDRO.

Pedro já vem!... (*Vai á porta espiar e volta*) Filha delle, sinhá Henriqueta... Mas Sr. Azevedo vae casar com ella!...

AZEVEDO.

Que tem isso? Gosto de conhecer as pessoas com quem tenho de viver.

PEDRO.

Pois então, Pedro falla; mas não diga á ninguém.

AZEVEDO.

Pódes ficar descaçado!

PEDRO.

Sr. Azevedo acha ella bonita?

AZEVEDO.

Acho ; por isso é que me caso.

PEDRO.

Moça muda muito vista na sala !

AZEVEDO.

Que queres dizer ?

PEDRO.

Modista faz milagre !

AZEVEDO.

Então ella não é bem feita de corpo ?

PEDRO.

Corpo?... Não tem ! Aquillo tudo que Sr. vê panno só ! Vestido vem acolchoado da casa da Bragaldi ; algodão aqui, (*Cadeiras*) algodão aqui, (*Peito*) algodão aqui ! (*Braços*) Cinturinha faz suar rapariga della ; uma aberta de lá, outra aberta de cá, e barriga gemendo só !

AZEVEDO.

Não acredito ! Estás ahí a pregar-me mentiras.

PEDRO.

Mentira ! Pedro vio com esses olhos. Um dia de baife ella foi tomar respiração ; cordão quebrou ; e rapariga, bum ; lá estirada. Moça ficou desmaiada no sofá ; preta deitando agua de colonha na testa para voltar a si.

AZEVEDO.

E tu viste isto ?

PEDRO.

Vio, sim senhor ; Pedro tinha ido levar *bouquet* que

nhanhã Carlotinha mandava. Mas depois vio outra cousa...
Umm !...

AZEVEDO.

O que foi ? dize ; não me occultes nada.

PEDRO.

Agua de colonia cahio no rosto e desmanchou reboque branco !...

AZEVEDO.

Que diabo de historia é esta ! Reboque branco ?...

PEDRO.

Ora, senhor não sabe ; este pó que mulher deita na cara com pincel. Sinhá Henriqueta tem rosto pintadinho, como ovo de Perú ; para não apparecer caia com pó de arroz e essa mistura que cabelheiro vende.

AZEVEDO.

Que mulher, meu Deos ! Como um homem vive illudido neste mundo ! Aquella candura...

PEDRO.

Moça bonita é nhanhã Carlotinha ! Essa sim ! Não tem cá pannos nem pós ! Pézinho de menina ; cinturinha bem feitinha ; não carece apertar ! Sapatinho della parece brinquedo de boneca. Cabello muito ; não precisa de crescente. Não é como a outra !

AZEVEDO.

Então D. Henriqueta tem o pé grande ?

PEDRO, *fazendo o gesto.*

Isto só ! Palmo e meio !... As vezes nhanhã Carlotinha e as amigas zonibão deveras ! Mas não pergunte a ella, não ? Sinhá velha fica massada.

AZEVEDO.

Não; não me importo com isto; mas vem cá; diz-me, nhanhã Carlotinha não gosta de moço nenhum!

PEDRO.

Qual! Zomba delles todos. Esse rapaz, Sr. Alfredo, anda se engraçando, mas perde seu tempo. Homem serio assim como Sr. Azevedo, é que agrada a ella.

AZEVEDO.

Então pensas que...

PEDRO.

Pedro não pensa nada! Vio só quando se tomava chá, rizosinho faceiro... segredinho baixo...

AZEVEDO, *desvanecido.*

Não quer dizer nada!... Moças!...

SCENA XII.

OS MESMOS, ALFREDO.

ALFREDO, *na porta da sala a Eduardo.*

Não se encommode. Boa noite!... (*Tira um charuto e dirige-se a Azevedo.*)

PEDRO, *baixo.*

Então, Sr. Alfredo;...

ALFREDO, *com severidade.*

Deixa-me.

PEDRO, *á meia voz.*

Está todo emproado!... Como não precisa mais!...

AZEVEDO, *dando fogo a Alfredo.*

Pedro, amanhã vai á minha casa ; tenho uns livros para mandar a Eduardo.

PEDRO.

Sim, senhor. A que horas ?

AZEVEDO.

Depois de almoço.

SCENA XIII.

ALFREDO, AZEVEDO.

ALFREDO.

É raro encontra-lo agora, Sr. Azevedo. Já não apparece nos bailes, nos theatros.

AZEVEDO.

Estou me habituando á existencia monotona da familia.

ALFREDO.

Monotona ?

AZEVEDO.

Sim. Um piano que toca, duas ou tres moças que fallão de modas ; alguns velhos que dissertão sobre a carestia dos generos alimenticios e a diminuição do peso do pão ; eis um verdadeiro *tableau* de familia no Rio de Janeiro. Se fosse pintor faria um primeiro *prix au Conservatoire des Artes*.

ALFREDO.

E havia de ser um bello quadro, estou certo ; mais bello sem duvida do que uma scena de salão.

AZEVEDO.

Ora, meu caro, no salão tudo é vida; enquanto que aqui, se não fosse essa menina que realmente é espiritúosa, D. Carlotinha, que fariamos, se não dormir e abrir a boca.

ALFREDO.

É verdade; aqui dorme-se, porém sonha-se com a felicidade; no salão vive-se, mas a vida é uma bem triste realidade. Em vez de um piano ha uma rabeça; as moças não fallão de modas, mas fallão de bailes; os velhos não dissertão sobre a carestia, mas occupão-se com a politica. Que diz deste quadro, Sr. Azevedo; não acha que tambem vale a pena de ser desenhado por um habil artista, para a nossa « Academia de Bellas Artes? »

AZEVEDO.

A nossa « Academia de Bellas Artes »? Pois temos isto aqui no Rio?

ALFREDO.

Ignorava?

AZEVEDO.

Uma caricatura naturalmente... Não ha arte em nosso paiz!

ALFREDO.

A arte existe, Sr. Azevedo; o que não existe é o amor della.

AZEVEDO.

Sim, faltão os artistas.

ALFREDO.

Faltão os homens que os comprehendão; e sobrão

aquelles que só acreditão e estimão o que vem do estrangeiro.

AZEVEDO, *com desdem.*

Já foi á Paris, Sr. Alfredo?

ALFREDO.

Não, senhor; desejo, e ao mesmo tempo receio ir.

AZEVEDO.

Porque razão?

ALFREDO.

Porque tenho medo de na volta desprezar o meu paiz, em vez de amar nelle o que ha de bom e procurar corrigir o que é máo.

AZEVEDO.

Pois aconselho-lhe que vá quanto antes! (*Dançando o charuto*) Vamos ver estas senhoras!

ALFREDO.

Passe bem.

(*Azevedo levanta-se, Alfredo toma o chapéo.*)

SCENA XIV.

OS MESMOS, CARLOTINHA, HENRIQUETA.

CARLOTINHA, *á Henriqueta.*

Já tão cedo? Que horas são, Sr. Azevedo?

ALFREDO.

Nove e meia.

AZEVEDO.

Quasi dez. Como passa rapidamente o tempo aqui!
(*Entra na sala.*)

CARLOTINHA.

Então ! Demora-te mais algum tempo. Sim ?

HENRIQUETA, *baixo.*

Para que?... Elle nem me falla !

ALFREDO.

Minhas senhoras ! Boa noite, D. Carlotinha.

CARLOTINHA.

Adeos, Sr. Alfredo. Mamãe já lhe disse que a nossa casa está sempre aberta para receber os amigos.

ALFREDO.

Se eu não temesse abusar...

CARLOTINHA, *sorrindo e estendendo-lhe a mão.*

Até amanhã !

ALFREDO, *comprimenta.*

Boa noite ! (*Sahe.*)

SCENA XV.

CARLOTINHA, HENRIQUETA.

CARLOTINHA.

Olha, Henriqueta ! Tu não tens razão ! Eduardo te ama ; elle já te disse. Se hoje não tem fallado contigo

é porque teu pae... teu noivo... não sei a razão ! Mas deixa-te dessas desconfianças.

HENRIQUETA.

Entretanto depois de dois mezes, elle devia achar um momento para ao menos dizer-me uma palavra que me desse esperança ; porque, Carlotinha, se esse casamento era uma desgraça para mim, agora que tu dizes que elle me ama, tornou-se um martyrio ! Não sei o que faça ?... Quero confessar a meu pae !... E tenho medo !... Já deu sua palavra !...

CARLOTINHA.

A tua felicidade vale mais do que todas as palavras deste mundo.

HENRIQUETA.

Tu não sabes...

CARLOTINHA.

Ah ! Aqui está Eduardo !

—

SCENA XVI.

AS MESMAS, EDUARDO.

EDUARDO.

Emfim, posso fallar-lhe. D. Henriqueta ?...

CARLOTINHA.

Ella já te accusava.

EDUARDO.

A mim !

HENRIQUETA.

Eu não ; disse apenas...

CARLOTINHA

Disse apenas que tu ainda não tinhas achado um momento para dar-lhe uma palavra... de amor !

HENRIQUETA.

De amizade ! Foi o que eu disse.

CARLOTINHA.

E tem razão ; mas quando souber o motivo me desculpará.

HENRIQUETA.

Ainda outro motivo !

EDUARDO.

Sim ; mas desta vez não é um engano ; é um dever.

HENRIQUETA.

Ah ! uma promessa talvez...

CARLOTINHA.

Que lembrança !...

EDUARDO.

Disse um dever ; um dever bem grave ; mas que tem um rostinho muito risonho ; olhe. (*Amimando a face de Carlotinha.*)

HENRIQUETA.

Carlotinha !...

CARLOTINHA.

Ah ! quer-se desculpar comigo ! Pois vou-me embora !

HENRIQUETA, *sorrindo.*

Vem cá!

EDUARDO.

Deixe ; ficaremos sós.

(Senta-se Henriqueta.)

SCENA XVII.

EDUARDO, HENRIQUETA.

(Henriqueta senta-se. Eduardo aproxima-se lentamente.)

EDUARDO, *olhando-a.*

Henriqueta me perdôa ?

HENRIQUETA.

Perdoar-lhe !... Eu é que devia ter adivinhado !...

EDUARDO.

E eu não devia ter comprehendido que entre duas almas que se estimão não é preciso um intermediario ? O amor que passa pelos estranhos perde a sua pureza ; e se elle é tão tímido, que teme revelar-se, e não acha uma palavra para exprimi-lo, não se deve contentar com a linguagem muda que Deos lhe deu ? Carlotinha já lhe disse o que aconteceu ?

HENRIQUETA.

Sim ; ella me contou tudo ; mas pareceu-me que me tinha enganado. Duvidei...

EDUARDO.

Como ?... Duvidou de mim !...

HENRIQUETA.

Durante toda esta noite, não é a primeira vez que nos fallamos, e entretanto nos deviamos ter tanto a dizer-nos... Um tão longo silêncio.

EDUARDO.

Não lhe dei já a razão?... Antes do meu amor a felicidade de minha irmã. É um pequeno segredo que ella lhe contará, se já não lhe contou. Precisava tranquillisar o meu espirito; porque não desejo misturar uma inquietação, um máo pensamento, ás primeiras expansões do nosso amor!

HENRIQUETA.

Ah! Carlotinha tambem ama! Ainda não me confiou seu segredo!... Ella ao menos tem um irmão que lê em sua alma; ha de ser feliz.

EDUARDO.

E nós não o seremos?

HENRIQUETA.

Quem sabe!

EDUARDO.

Este casamento é impossível.

HENRIQUETA.

Porque?

EDUARDO.

Porque vou confessar tudo a seu pae, e elle não sacrificará sua filha a uma palavra dada.

HENRIQUETA.

E se recusar ?

EDUARDO.

Então respeitaremos sua vontade.

HENRIQUETA.

Sim, elle é pae, mas...

EDUARDO.

Mas o amor é soberano ; não é isso, Henriqueta ?

HENRIQUETA.

E não se vende !

EDUARDO.

Que diz ?... Ah ! comprehendo !

HENRIQUETA.

Não, Eduardo ; não comprehenda ; não procure comprehender ! Foi uma idéa louca que me passou pelo espirito ; não sei nada ! Uma filha póde accusar seu pae ?

EDUARDO.

Não ; mas póde confiar a um amigo uma queixa de outro amigo.

HENRIQUETA.

Pois bem ; eu lhe digo. Meu pae deve a esse homem ; e julgou que não podia recusar-lhe a minha mão, apesar das minhas instancias. Lutei um mez inteiro, Eduardo, mas lutei só ; e uma mulher é sempre fraca, sobretudo quando se exige della um sacrificio !

EDUARDO.

Tem razão ; se lutassemos juntos talvez...

HENRIQUETA.

Oh ! então eu defenderia a nossa felicidade ; mas lutar para conservar apenas uma triste esperança !

SCENA XVIII.

OS MESMOS, VASCONCELLOS, AZEVEDO, D. MARIA.

VASCONCELLOS, *entrando*.

Vamos, menina ! É tarde.

HENRIQUETA, *á meia voz*.

Sim, meu pae. Adeos, Eduardo ! (*Dando-lhe a mão*)
Até...

EDUARDO.

Até sempre, Henriqueta !

HENRIQUETA.

Carlottinha, meu chapéo ?

CARLOTTINHA.

Toma ! Estás mais contentinha ?

HENRIQUETA.

Maliciosa !... (*Sobem.*)

AZEVEDO.

Meu sogro, dispense-me de acompanhá-lo. Um homem não deve andar agarrado á sua *fiancée*. *E' mauvais genre*.

VASCONCELLOS.

Não se incommode. D. Maria, boa noite ! Doutor !...
(*Sobem todos a scena.*)

EDUARDO, *subindo.*

Uma palavra, Azevedo.

AZEVEDO.

A's tuas ordens.

EDUARDO.

Quanto te deve o Sr. Vasconcellos ?

AZEVEDO, *admirado.*

Uma bagatella ! Dez contos de réis.

EDUARDO.

Ah !

AZEVEDO.

Porque perguntas ?

EDUARDO.

Porque desejava saber quanto custa uma mulher em primeira mão.

AZEVEDO, *rindo.*

Vraiment !

QUARTO ACTO.

Sala de visitas da casa de Eduardo ; portas á direita e no fundo ; janellas de grade de ferro á esquerda. Piano, apparadores, mesa do meio da sala ; sofás, cadeiras, conversadeiras ou ottomanas.

SCENA I.

EDUARDO, HENRIQUETA, CARLOTINHA, PEDRO.

Henriqueta sentada na conversadeira: Eduardo lendo uma carta junto da mesa: Carlotinha na janella: Pedro sacudindo os tapetes.

CARLOTINHA, *baixo a Pedro.*

Não passará ainda hoje ?

PEDRO.

Não sei, nhanhã.

CARLOTINHA.

Estará doente?... Zangado comigo?... Porque?...

PEDRO.

Não se importe mais com elle ! Ha tanto moço bonito ! Sr. Azevedo...

Carlotinha debruça-se na janella, Pedro vae collocar o tapete e sahe ; Eduardo acaba de ler a carta e vem sentar-se junto de Henriqueta.

SCENA II.

EDUARDO, HENRIQUETA, CARLOTINHA.

EDUARDO.

Quando eu lhe digo que espere, Henriqueta, é porque estou convencido de que ha um meio de desfazer esse casamento sem a menor humilhação para seu pae.

HENRIQUETA.

E este meio qual é ?

EDUARDO.

Não lhe posso dizer ; é meu segredo.

HENRIQUETA.

Ah ! tem segredos para mim ?

EDUARDO.

É injusta fazendo-me essa exprobação, Henriqueta. Se não lhe fallo francamente, é porque não desejo que partilhe, ainda mesmo em pensamento, os desgostos, as contrariedades que eu ha um mez tenho soffrido para conseguir esse meio de que lhe fallei.

HENRIQUETA.

Mas, Eduardo, uma parte dessas contrariedades me pertence, e por dois titulos : porque trata-se de mim, e porque nos... estimamos !

EDUARDO.

Porque nos amamos : é verdade ! Mas nessa partilha igual que fazem duas almas irmãs da sua dôr e do seu prazer, ha a differença das forças. A' mulher cabe a parte do consolo, ou da ternura ; ao homem a parte da coragem e do trabalho.

HENRIQUETA.

Então eu não tenho o direito de fazer tambem alguma cousa para a nossa felicidade ?

EDUARDO.

Não disse isto ! Faz muito !

HENRIQUETA.

Como ? Se toma para si tudo e não me quer deixar nem mesmo a metade dos cuidados ?

EDUARDO.

E quem me dá a força para proseguir e a fé para trabalhar ? Não são esses momentos que todos os dias passamos juntos aqui ou em sua casa ?

HENRIQUETA.

Assim, não me quer dizer qual é essa esperança ?

EDUARDO.

Não desejo affligi-la com idéas mesquinhas. Os homens inventarão certas cousas, como os algarismos, o dinheiro, e o calculo, que não devem preocupar o espirito das senhoras.

HENRIQUETA.

Porque ? Somos nós tão fracas de intelligencia ?...

EDUARDO.

Não é por isso ; é porque tirão-lhes o perfume e a poesia. Nunca fui á Europa, como Azevedo ; mas acho que elle tem razão em um ponto, quando censura certos habitos nossos. Alguns homens costumão fazer de sua esposa uma especie de caixeiro domestico, a que chamão *dona de casa*. Como se a mulher que Deos creou para

uma tão nobre missão, devesse descer a esses misteres de creado.

HENRIQUETA.

Isso é muito bonito, mas não me diz o que desejo saber.

EDUARDO.

O que ?

HENRIQUETA.

O meio porque hade desfazer o meu casamento.

EDUARDO.

Ainda insiste ; pois bem, hoje mesmo lhe direi.

HENRIQUETA, *alegre.*

Sim ?

EDUARDO.

Talvez daqui a uma hora.

CARLOTINHA, *sahindo da janella.*

Mano, ahi entrou uma pessoa, que julgo procura por você.

EDUARDO.

Hade ser naturalmente o negociante que espero.

— —

SCENA III.

OS MESMOS, PEDRO.

PEDRO, *entrando.*

Está ahi o homem que escreveo aquella carta ; quer fallar á senhor.

EDUARDO.

Manda-o entrar para o meu gabinete.

PEDRO, *baixo a Carlotinha.*

Nhanhã Carlotinha está triste !... Hi !... (*Carlotinha volta-lhe as costas ; Pedro sahe.*)

EDUARDO.

Até logo, Henriqueta.

HENRIQUETA.

Já ! Que vae fazer ?

EDUARDO.

Concluir um pequeno negocio e ao mesmo tempo realisar um pensamento que me foi inspirado pelo nosso amor.

HENRIQUETA.

Como ?...

EDUARDO.

Quero solemnisar a nossa felicidade, Henriqueta, exercendo um dos mais bellos direitos que tem o homem na nossa sociedade.

HENRIQUETA.

Qual ?

EDUARDO.

O direito de dar a liberdade !

HENRIQUETA.

Não entendo.

EDUARDO.

Dir-lhe-hei tudo logo.

HENRIQUETA.

Volte ; sim ?

EDUARDO.

Demorar-me-hei apenas o tempo de assignar um papel e escrever algumas linhas. (*Sáhe.*)

SCENA IV.

HENRIQUETA, CARLOTINHA.

(*Carlottinha chega-se de novo à janella.*)

HENRIQUETA.

Sabes, Carlottinha ; tenho uma queixa de ti.

CARLOTINHA.

De mim ? Que te fiz eu, má ?

HENRIQUETA.

Ha um mez espero que tu me contes uma cousa, e ainda não me disseste uma palavra.

CARLOTINHA.

De que ? Não sei !

HENRIQUETA.

Do teu segredo ; não te confiei o meu ?

CARLOTINHA.

Ah ! Quem te disse ?

HENRIQUETA.

Eduardo.

CARLOTINHA.

Não acredites ; elle estava gracejando.

HENRIQUETA.

Não ; tu amas, Carlotinha, e nunca me fallas dos teus sonhos, de tuas esperanças. Não sou eu mais tua amiga ?

CARLOTINHA.

Pois duvidas ?

HENRIQUETA.

Se fosses, não me occultarias o que sentes.

CARLOTINHA.

Não te zangues ; eu te contarei tudo ; mas custa tanto a fallar dessas cousas.

HENRIQUETA.

Com aquelles que nos comprehendem é um prazer bem doce.

CARLOTINHA.

Olha ; o meu segredo... Porém não sei como heide começar isto.

HENRIQUETA.

Começa pelo nome ; como elle se chama.

CARLOTINHA, *confusa*.

Alfredo.

HENRIQUETA.

Este moço que teu mano nos apresentou ?

CARLOTINHA.

Sim ; todas as manhãs, faça bom ou máo tempo, passa por aqui ao meio dia ; quasi nem olha para esta janella, donde eu o espero escondida entre as cortinas ; ninguem nos vê, mas nós nos vemos.

HENRIQUETA.

Depois ?

CARLOTINHA.

A' noite vem visitar-nos, como tu sabes ; todo o tempo conversa com mamãe, ou com mano, emquanto tu e eu brincamos no piano. A' hora do chá sentamo-nos juntos ; elle diz que me vio de manhã, eu respondo que estava distrahida e não o vi. A's vezes...

HENRIQUETA.

Acaba ; não tenhas vergonha. Eu tambem amo.

CARLOTINHA.

Pois sim. A's vezes nossas mãos se encontram sem querer ; elle fica pallido, e eu corro toda tremula para junto de ti. Dahi a pouco são dez horas, todos se retirão : então chego á janella e sigo-o com os olhos até que desaparece no fim da rua.

HENRIQUETA.

E é este todo o teu segredo.

CARLOTINHA.

Todo !

HENRIQUETA.

Parece-se com o meu ; ver-se de longe, trocar um olhar, amar em silencio. Ha só uma differença.

CARLOTINHA.

Qual ?

HENRIQUETA.

Tu és feliz porque és livre, enquanto eu...

CARLOTINHA.

Tu és correspondida, Henriqueta ; mano Eduardo te ama !

HENRIQUETA.

E Alfredo não te ama ?

CARLOTINHA.

Não sei ; tenho medo ; ha quatro dias que não passa por aqui ; e nem apparece de noite. Levo a contar as horas !

HENRIQUETA.

Mas donde procede esta mudança ? Fizeste-lhe alguma cousa ?

CARLOTINHA.

Eu ?... Se procuro advinhar os seus pensamentos !

HENRIQUETA.

Entretanto, deve haver um motivo...

CARLOTINHA.

Tenho querido me recordar, e só acho este. No domingo veio passar a manhã aqui ; eu o deixei um momento para te escrever, e voltei logo. Quando chamei Pedro para levar-te a carta, elle levantou-se de repente, despedio-se de mamãe, complimentou-me friamente, e desde então não o tenho visto. Ficou zangado comigo por ter sahido um momento de junto d'elle.

HENRIQUETA.

Não faças caso. isto passa ; hoje mesmo elle virá arrependido pedir-te perdão. Mas, á proposito da carta que me escreveste domingo, eu trouxe-a mesmo para brigar contigo, travessa ! (*Tira a carta.*)

CARLOTINHA.

Porque ? Pela sobrescripta.

HENRIQUETA.

Essa é uma das razões ; para que escreveste *Madame Azevedo* ? Não sabes que essa idéa me mortifica.

CARLOTINHA.

Desculpa ; foi um gracejo.

HENRIQUETA.

Além disso, não tinhas outra pessoa por quem mandar a carta, senão elle ?

CARLOTINHA.

Elle quem ? O Azevedo ?

HENRIQUETA.

Sim ; foi elle que m'a entregou.

CARLOTINHA.

Mas não é possível ; eu mandei-a por Pedro ; e recomendei-lhe que não a mostrasse á ninguem, mesmo por causa da sobrescripta !..

HENRIQUETA.

Não comprehendo então como foi parar nas mãos desse homem. Tive um desgosto... e um medo ! Tu falavas de Eduardo !

CARLOTINHA.

Espera ; vou perguntar a Pedro que quer dizer isto !
(*Chegando-se á porta*) Pedro !...

HENRIQUETA.

Deixa ; não vale a pena.

CARLOTINHA.

Não ; é muito mal feito.

— —

SCENA V.

OS MESMOS, PEDRO.

PEDRO.

Nhanhã chamou ?

CARLOTINHA.

Quero saber como é que a carta que eu lhe dei para Henriqueta foi parar em mão do Sr. Azevedo.

PEDRO.

Elle me encontrou na rua, e tomou a carta para entregar.

CARLOTINHA.

Mas eu te disse que não queria que ninguem visse a sobrescripta.

PEDRO.

Elle é noivo de sinhá Henriqueta ; não faz mal.

HENRIQUETA.

Está bom ; não pensemos mais nisto.

CARLOTINHA.

Não quero que outra vez succeda o mesmo. *(a Pedro)*
Entendeste ?

PEDRO.

Sim, nhanhã. Pedro sabe o que faz ! *(Batem palmas.)*

CARLOTINHA.

Que queres dizer ? *(Pedro sahe.)*

SCENA VI.

HENRIQUETA, CARLOTINHA, AZEVEDO, PEDRO
no fundo.

HENRIQUETA.

Hade ser elle.

CARLOTINHA.

Alfredo ! Ah ! Se fossè...

HENRIQUETA.

Queres apostar ? *(Azevedo apparece.)*

CARLOTINHA.

Ora, é o Azevedo. Eu logo vi !

AZEVEDO.

Como passou, D. Carlotinha. *(Aperta a mão)* D. Henriqueta ! *(Comprimenta.)*

CARLOTINHA.

O senhor parece que advinha, Sr. Azevedo ?

(Pedro está na porta de entrada, Henriqueta começa a folhear um album.)

AZEVEDO.

Porque?! Por encontra-la hoje tão bella? Está realmente *éblouissante*!

CARLOTINHA.

Faça-se de esquerdo! A minha belleza serve de pretexto para elogiar a de Henriqueta!

AZEVEDO.

A senhora quer dizer o contrario...

CARLOTINHA.

Quero dizer que o senhor advinhou quem estava aqui hoje.

AZEVEDO, *com affectação.*

Quem?... Não vejo ninguem.

CARLOTINHA.

Nem a sua noiva? Era esta palavra que o senhor queria ouvir!

AZEVEDO, *com intenção.*

Sim, era esta palavra que eu desejava ouvir dos seus labios.

CARLOTINHA, *voltando-lhe as costas, baixo a Henriqueta.*

Que fatuo! (*Alto*) Vem, Henriqueta; vamos chamar mamãe para fallar ao Sr. Azevedo.

AZEVEDO,

Então, deixa-me só?

HENRIQUETA, *rindo.*

Oh! um homem como o senhor póde ficar só? Paris inteiro lhe fará companhia!

CARLOTINHA, *idem*.

Supponha que está no *Boulevard dos Italianos*.

AZEVEDO, *cortezmente*.

Não. Mas (*Tirando a flor da casa da casaca*) conversarei com esta flor ; ella me dirá em perfumes, o que os labios que a bafejãrão recusão dizer em palavras.

CARLOTINHA.

Como está poetico ! Aquillo é comtigo, Henriqueta.

HENRIQUETA.

Comigo não ! É com quem lhe mandou a violeta !
Vamos !...

CARLOTINHA.

Pois, Sr. Azevedo, nós o deixamos no seu colloquio amoroso. (*Sahem.*)

SCENA VII.

AZEVEDO, PEDRO.

AZEVEDO, *seguido-a*.

Foge-me !...

PEDRO, *rindo*.

Como vae paixão por nãhã Carlotinha, Sr. Azevedo ?
Flor já está na dansa !

AZEVEDO.

Queria mesmo te fallar a este respeito ! Não entendo tua senhora. Tu dizes que ella gosta de mim *et pourtant*...

PEDRO.

Parlez vous francais, monsieur ?

AZEVEDO.

Ella faz que não me comprehende ! Trata-me com indifferença...

PEDRO.

Podera não ! O senhor vae se casar.

AZEVEDO.

Ah ! tu pensas que é esta a razão !

PEDRO.

Nhanhã mesmo me disse ! Moça solteira não póde receber côrte de homem que é noivo de outra mulher. É feio, e faz cocega dentro do coração ; cocega que se chama ciume !

AZEVEDO.

Então é o meu casamento que impede !... E nem me lembrava de semelhante cousa ! Com effeito, Henriqueta é sua amiga ; ella julga talvez que a amo...

PEDRO.

Mas isto não quer dizer nada. Ella gosta de Vm. ; gosta muito ! Hontem quando mandou essa vioieta que o senhor tem na casaca beijou primeiro.

AZEVEDO.

E foi ella mesmo quem se lembrou de mandar-me ?

PEDRO.

Ella mesmo ; sem que eu pedisse nada !

AZEVEDO, *erguendo-se e tomando o chapéo.*

Bem ; eu sei o que me resta a fazer.

PEDRO,

Já vae? Não espera por sinhá velha?

AZEVEDO.

Não; eu já volto. É preciso tomar uma resolução :
il faut!

PEDRO.

Monsieur está pensando!

AZEVEDO.

Diz a D. Carlotinha... Não; não lhe digas nada! Eu quero ser o primeiro a annunciar-lhe.

SCENA VIII.

PEDRO, JORGE.

(*Jorge com livros.*)

PEDRO.

Oh! já voltou do collegio. Agora mesmo deo meio dia!

JORGE.

Tive licença para sahir mais cedo.

PEDRO,

Nhonhô já sabe novidade?

JORGE.

Que novidade?

PEDRO.

Novidade grande! Sr. moço Eduardo vae casar com
nhanhã Henriqueta.

JORGE.

Ah !... E o noivo della ?

PEDRO.

Sr. Azevedo ? Casa com nhanhã Carlotinha,

JORGE.

Mana ?... E Sr. Alfredo ?

PEDRO.

Fica logrado. Para rematar a festa, velho Vasconcellos casa com sinhá velha.

JORGE.

É mentira !

PEDRO.

Hade ver !

JORGE.

Então tudo se casa ?

PEDRO.

Tudo, tudo. Nhonhô também carece ver uma menina-zinha bonita... Mas Vm. ainda não sabe namorar !

JORGE.

Eu não !

PEDRO.

Pois precisa aprender, que já está franguinho. Pedro ensina.

JORGE.

E tu sabes ?

PEDRO, *rindo-se.*

Ora !... Nhonhô pede dinheiro a mamãe e compra luneta.

JORGE.

Para que ?

PEDRO.

Sem isto não se namora. Quando nhonhô tiver luneta, prende no canto do olho, e deita para a moça. Ella começa logo a se remexer, e a ficar côr de pimentinha malagueta. Então rapaz fino volta às costas, assim como quem não faz caso ; e moça só espiando elle. Dahi ha pouco, fogo, luneta segunda vez ; ella volta a cara para o outro lado, mas está vendo tudo ! Nhonhô deixa passar um momento, fogo ; luneta terceira vez ; ahi moça não resiste mais, cahe por força, com os olhos requebrados só ; namoro está ferrado. Rapaz torce o bigodinho... Mas Vin. ainda não tem bigode !...

JORGE.

Olha ! não tarda nascer !

PEDRO.

Qual ! Está liso como um frasco !

JORGE, *ouvindo entrar.*

Quem é ?

PEDRO.

Velho tabaquista !

JORGE.

Que vae casar com mamãe.

PEDRO.

Psío ! Não diga nada, não !

SCENA IX.

PEDRO, VASCONCELLOS, JORGE.

VASCONCELLOS, *entrando*.

Onde está esta gente ! Henriqueta fica para jantar ?

PEDRO.

Sim, senhor ; nhanhã Carlotinha não quer deixar ella ir.

JORGE, *sahindo*.

Eu vou chama-la !

VASCONCELLOS.

Não precisa. (*A Pedro*) Diz-lhe que á tarde virei busca-la.

PEDRO.

Vm. vai para casa ?

VASCONCELLOS.

Não ; porque perguntas ?

PEDRO.

Porque Sr. Azevedo sahio daqui agora mesmo para ir fallar a Vm.

VASCONCELLOS.

Sobre que ? Alguma cousa de novo ?

PEDRO.

Negocio importante. Pedro não sabe ; mas elle parecia muito zangado.

VASCONCELLOS.

Ora, que me importão as suas zangas.

PEDRO.

Senhor não deve mesmo se importar ; esse Sr. Azevedo tem uma lingua... Sabe o que elle disse ?

VASCONCELLOS.

Nem quero saber.

PEDRO.

Disse a Sr. moço Eduardo, a casa estava cheia de gente , disse que Sr. Vasconcellos é um... nome muito ruim !

VASCONCELLOS.

Um que, moleque ?

PEDRO.

Um pinga !

VASCONCELLOS.

Heim !... Não é possível !

PEDRO.

Ora ! Aquelle moço não tem respeito a Sr. velho.
(*Faz uma careta.*)

VASCONCELLOS.

Pois heide ensinar-lhe a ter.

PEDRO.

Precisa mesmo, para não andar enchendo a boca de que comprou filha de senhor, com seu dinheiro delle.

VASCONCELLOS.

Comprou minha filha ! Ah ! Miseravel ! (*Batem palmas.*)

PEDRO.

Póde entrar.

SCENA X.

OS MESMOS, ALFREDO.

(*Vasconcellos fica passeiando ; os dois descem á scena.*)

PEDRO, *a Alfredo.*

Vm. espere ; vou chamar Sr. moço Eduardo.

ALFREDO.

Sim, dize-lhe que desejo fallar-lhe com instancia.

VASCONCELLOS, *a Pedro.*

Ha muito tempo que elle sahio ?

PEDRO, *voltando.*

Sr. Azevedo?... Agora mesmo.

VASCONCELLOS.

Vou á sua procura. Preciso de uma explicação.
(*Sahe.*)

—

SCENA XI.

PEDRO, ALFREDO.

PEDRO.

O velho vai deitando azeite ás canadas ! Noivo da filha virou de rumo ; e agora só quer casar com nhanhã Carlotinha.

ALFREDO.

Oh ! elle póde desejar todas as mulheres ; é rico !

PEDRO.

Não sei tamhem essas moças... tem cabecinha de vento ; um dia gosta de um. outro dia gosta de outro. Nhanhã

que esperava todo o dia para ver Sr. Alfredo passar, nem se lembra mais; escreveo aquella carta a Sr. Azevedo!

ALFREDO.

Se não fosse essa carta, eu ainda duvidava!...

PEDRO.

Vm. bem vio no domingo, ella me dar á sua vista, e eu entregar na rua a elle, a Sr. Azevedo.

ALFREDO.

Sim; e foi preciso ver seu nome escripto!... Quem diria que tanta innocencia e tanta timidez erão o disfarce de uma alma pervertida! Meo Deos! onde se encontrará nesses tempos a innocencia, se no seio de uma familia honesta ella murcha e não vinga!

PEDRO.

Ora, Sr. Alfredo, tem tanta moça bonita! Póde escolher.

ALFREDO.

Vai prevenir a Eduardo!

SCENA XII.

OS MESMOS, CARLOTINHA, HENRIQUETA.

CARLOTINHA, *entrando*.

Ah! elle está ahi!...

HENRIQUETA.

Não te disse? Já volto.

CARLOTINHA.

Queres deixar-me só com elle ! Não ; eu te peço.

PEDRO, *a Alfredo.*

Nhanhã ! (*Baixo*) Como ella está alegre !

ALFREDO.

É por elle ! (*Comprimenta.*)

CARLOTINHA, *a Henriqueta.*

Nem me falla ! Que ar serio !

HENRIQUETA.

É talvez por minha causa.

CARLOTINHA.

Não ; fica.

PEDRO, *a Carlötinha.*

Agora é que nhanhã deve ensina-lo ; e não fazer caso delle ! (*Sahe.*)

CARLOTINHA, *a Henriqueta, baixo.*

Nem me olha !

HENRIQUETA, *idem.*

Com effeito, elle tem alguma cousa que o mortifica.

CARLOTINHA, *idem.*

Se eu lhe fallasse !...

HENRIQUETA, *idem.*

É verdade ; diz-lhe uma palavra.

CARLOTINHA, *idem.*

Oh ! não tenho animo !

HENRIQUETA, *a Carlotinha, baixo.*

Espera ; com elle eu sou mais animosa do que tu. Vou fallar-lhe.

CARLOTINHA, *idem.*

Mas não lhe digas nada a meu respeito.

HENRIQUETA, *idem.*

Não. (*Adiantando-se ; alto*) Então, Sr. Alfredo, tem ido estas noites ao theatro.

ALFREDO.

É verdade, minha senhora, para distrahir-me.

CARLOTINHA, *a Henriqueta, baixo.*

Distrahir-se ... De pensar em mim !

HENRIQUETA.

O theatro é mais divertido do que as nossas noites aqui em casa de Carlotinha, ou na minha. Não é verdade ?

ALFREDO.

Não, minha senhora ; mas no theatro se está no meio de indifferentes ; e portanto não ha receio de que se incommode com a sua presença áquellas pessoas que se estima.

CARLOTINHA, *a Henriqueta.*

Com que ar diz elle isto ! Tu comprehendes ?

HENRIQUETA.

Mas, Sr. Alfredo, me parece que isto não se refere a nós, que nunca demos demonstrações...

ALFREDO, *com intenção.*

A senhora não, D. Henriqueta.

CARLOTINHA, *vivamente.*

É a mim então...

ALFREDO.

Não sei !...

HENRIQUETA.

Mas explique-se, Sr. Alfredo ; eu creio que ha nisto algum equívoco.

ALFREDO.

Ha certas cousas que se sentem, D. Henriqueta ; mas que não se dizem. Quando nos habituamos a venerar um objecto por muito tempo, podemos odia-lo um dia, porém o respeitamos sempre !

CARLOTINHA.

Mas ninguem tem direito de condemnar sem ouvir aquelles a quem accusa.

HENRIQUETA.

De certo ; muitas vezes uma palavra mal interpretada...

ALFREDO.

Não é uma palavra, D. Henriqueta, é uma carta !

CARLOTINHA.

Que significa isto ? Tu entendes. Henriqueta ?

HENRIQUETA.

Não, minha amiga ; mas o Sr. Alfredo vae nos esclarecer esse enigma.

ALFREDO.

Perdão, minhas senhoras ; ahí vem Eduardo, e eu te-

nho de fallar-lhe sobre um objecto que não admitte demora: *(Sóbe para encontrar-se com Eduardo.)*

CARLOTINHA.

Oh! é cruel! Tu soffrias como eu estou soffrendo, Henriqueta!

HENRIQUETA, *passando-lhe o braço pela cintura.*

Tu soffres ha alguns instantes, eu soffri dois mezes! E era o desprezo!

CARLOTINHA.

E isto o que é?

HENRIQUETA.

Vem ; depois Eduardo nos contará.

CARLOTINHA.

Sim, vamos! Preciso chorar!

SCENA XIII.

EDUARDO, ALFREDO.

EDUARDO.

Estamos sós, Alfredo. Sente-se, e diga-me que negocio é esse tão grave! Um medico está habituado a ver rostos bem tristes ; mas o seu inquieta-me.

ALFREDO.

É que realmente aquillo de que pretendo fallar-lhe me penalisa em extremo ; e se não considerasse um dever vir eu proprio communica-lo, preferiria servir-me de uma carta.

EDUARDO.

E fez bem ; dois amigos entendem-se melhor conversando ; uma carta é um papel frio, sobre o qual se achão as palavras, mas não a voz, a physionomia, e o coração da pessoa que falla.

ALFREDO.

Outra razão ainda : uma carta é uma prova material que fica, e póde extraviar-se ; o que vou dizer-lhe não deve ser sabido senão pelo senhor ; eu mesmo devo esquece-lo.

EDUARDO.

Vamos ; falle sem o menor receio.

ALFREDO.

Ha um mez, Eduardo, recebi uma prova de confiança da sua parte, que me penhorou em extremo ; sabendo que eu amava sua irmã, sem exigir de mim uma promessa, apresentou-me á sua familia e abriu-me o interior da sua casa

EDUARDO.

E dei um passo bem acertado, porque fiz de um simples conhecido um amigo ; e tenho tido occasiões de apreciar o seu character.

ALFREDO.

É bondade sua. Eu amava sua irmã ; era um amor serio, e que só esperava uma animação da parte della, para pedir o consentimento de sua familia. Pareceo-me que elle era acceito ; obtive autorisação de meu pae, e vim um dia com a intenção de pedir-lhe a mão de D. Carlottinha. Era talvez apressado ; mas eu queria quanto antes dar-lhe uma prova de que a sua confiança não tinha sido mal correspondida.

EDUARDO.

Nunca tive esse receio. Mas dizia que veio...

ALFREDO.

Deixe-me continuar. Chegamos ao ponto delicado e falta-me a coragem para confessar-lhe...

EDUARDO.

Não sei o que pretende dizer ; mas, meu amigo, reflecta que, quando se trata de uma moça, as reticencias são sempre uma injúria. A verdade nua, qualquer que ella seja ; em objectos de honra, a duvida é uma offensa.

ALFREDO.

Perdão ; não se trata de honra ; é uma simples questão de sentimento. Eu enganei-me, Eduardo. Julgava que sua irmã acceitava o meu amor, e a minha vaidade me illudia. Então entendi que se não me era permittido dar a prova que eu desejava de minha afeição, devia ao menos, ao retirar-me de sua casa, explicar-lhe os motivos que a isso me obrigavão. Perco uma bem doce esperança ; mas quero conservar uma estima que préso.

EDUARDO.

Obrigado, Alfredo. O seu procedimento honra-o ; é bem raro ve-lo na nossa sociedade, onde ordinariamente os mais nobres sentimentos tem vergonha de se revelar com receio que os appellidem de originalidade, ou extravagancia. Mas deixe que lhe diga : se ha um engano da sua parte, é talvez na interpretação dos sentimentos de minha irmã.

ALFREDO.

Ella ama a outro, Eduardo.

EDUARDO.

Tem certeza disso ?

ALFREDO.

Tenho uma convicção profunda.

EDUARDO.

Póde ser uma convicção falsa.

ALFREDO.

Não me obrigue a apresentar-lhe as provas.

EDUARDO.

São essas provas que eu peço ! Tenho direito a ellas...

ALFREDO.

Porque ; não offendem o character de D. Carlotinha.

EDUARDO.

Mas revelão seus sentimentos, que eu devo conhecêr como seu irmão.

—

SCENA XIV.

OS MESMOS, CARLOTINHA, HENRIQUETA.

CARLOTINHA, *entrando*.

E que eu exijo que se patentêem, porque não me envergonhão, Eduardo !

EDUARDO.

Tu nos ouvias, Carlotinha !

CARLOTINHA.

Sim, mano ; tratava-se de mim ; fiz mal ?

EDUARDO.

Não, minha irmã ; eu mesmo te chamaria se não qui .

zesse poupar-te um pequeno desgosto. Mas já que aqui estás, fica ; Alfredo parece que tem algumas queixas de nós ; julgarás se elle é injusto. (*Volta-se para Henriqueta.*)

HENRIQUETA, á meia voz a Eduardo.

Elle está illudido ! Carlotinha o ama !

EDUARDO.

Eu sabia ! (*Continuação a conversar.*)

CARLOTINHA.

O Sr. Alfredo diz que tem provas de que amo outro homem... Reclamo essas provas.

ALFREDO.

Não é possível, D. Carlotinha ! Na minha boca serão uma exprobação ridicula e offensiva. Guardo-as comigo ; e respeito os sentimentos que não sube inspirar.

CARLOTINHA

O senhor não m'as quer dar ?... Pois bem, serei eu que provarei o contrario !... Eis a prova de que... (*Estendendo-lhe a mão, confusa, baixo*) eu só amei e só amo... o senhor !

ALFREDO.

Ah ! (*Tomando a mão, baixo*) Mas essa mão não póde ser minha !

CARLOTINHA.

Porque ?

ALFREDO.

Porque escreveo a outro e lhe pertence !

CARLOTINHA.

Meu Deos ! Mano, Henriqueta !...

EDUARDO, *adiantando-se.*

Que tens ?

CARLOTINHA.

Elle diz que eu amo a outro, que lhe escrevi !...
Quando a elle...

ALFREDO.

Não devia dize-lo ; mas foi o amor offendido, e não a razão, que fallou.

EDUARDO.

Sei que é incapaz de tornar-se écho de uma calumnia ; para dizer o que acabo de ouvir é preciso que tenha certeza do que affirma. A quem escreveo minha irmã, Alfredo ?

ALFREDO.

Ao Sr. Azevedo !

HENRIQUETA.

É impossivel !

CARLOTINHA.

Elle acredita !...

EDUARDO.

O senhor vio essa carta ?

ALFREDO.

Vi essa carta sahir da mão que a escreveo e ser entregue a quem era destinada ! (*Ouve-se rumor de passos.*)

EDUARDO.

Silencio, senhor !

SCENA XV.

OS MESMOS, AZEVEDO.

AZEVEDO, a *Eduardo*.

Cher ami ! (A' meia voz) Acabo de ter uma scena bastante animada ; *echauffante* mesmo !

EDUARDO.

Porque motivo ?

AZEVEDO.

Eu lhe digo. (*Affastão-se mais para a direita e sentão-se um momento na conversadeira*) Rompi o meu casamento com Henriqueta ; e acabo de participa-lo ao Sr. Vasconcellos.

EDUARDO.

Ah !... E que razão teve para proceder assim ?

AZEVEDO.

Muitas ; seria longo enumera-las. Aquelle velho é um miseravel, e sua filha uma moça corrompida.

EDUARDO.

Sr. Azevedo, esquece que falla de amigos de nossa casa.

AZEVEDO.

Perdão ; mas não podia deixar que esses dois especuladores abusassem por mais tempo da minha boa fé.

EDUARDO.

Se continúa desta maneira, sou obrigado a pedir-lhe que se calle.

AZEVEDO.

Bom ; não me leve a mal este desabafo. O que é facto é que o casamento está completamente desfeito, e que eu posso dizer como Francisco I: — *Tout est perdu hors l'honneur.* (*Erguendo-se.*)

EDUARDO, *com ironia.*

E a divida de dez contos ?

AZEVEDO.

Elle a pagará ; não lhe deixarei um momento de socego ! Permitta que comprimente sua irmã.

ALFREDO, *a Eduardo.*

Não devo ficar, Eduardo ; sinto que não terei o sangue frio necessario para dominar-me. (*Tomu o chapéo para sahir.*)

EDUARDO.

Espere, meu amigo.

CARLOTINHA, *que não attende ao cumprimento de Azevedo, e segue Alfredo com os olhos, erguendo-se.*

Sim ; eu lhe peço, fique.

ALFREDO, *com tristeza.*

Para que ? Para ser testemunha...

CARLOTINHA.

Para ser testemunha de minha innocencia !

HENRIQUETA.

Que vaes fazer ?

CARLOTINHA.

Appellar para a consciencia de um homem que eu julgo honesto.

EDUARDO.

Minha irmã ! Deixa-me esse penoso dever ! Tu és uma moça...

CARLOTINHA.

Não, Eduardo ; para elle eu sou criminosa ; é justo que me defenda.

AZEVEDO.

Estou completamente *embetté* !

CARLOTINHA.

Sr. Azevedo, peço-lhe que declare se algum dia recebeu uma carta minha !

AZEVEDO.

Comment !... Uma carta sua ?... Nunca !...

ALFREDO, *à meia voz.*

O senhor mente !

CARLOTINHA, *a Henriqueta.*

Ainda duvida !

AZEVEDO, *a Eduardo.*

Não estou eu na casa de um amigo ?

EDUARDO.

Sim ; e o insulto é feito a mim !

ALFREDO.

Perdão, Eduardo ! Não sei o que faço ; o meu espirito se perde !

AZEVEDO, *voltando-se para Carlotinha.*

Falta-lhe o *savoir vivre* !

CARLOTINHA.

Assim o senhor dá a sua palavra de honra que não recebo essa carta !

AZEVEDO.

Se eu a tivesse recebido ha muito teria vindo apresentar-lhe o pedido respeitoso de um amor profundo ; e não esperaria por esse momento.

CARLOTINHA, *convulsa.*

O senhor ama-me então ?

AZEVEDO.

É verdade !

CARLOTINHA, *o mesmo.*

Pois eu... eu o desprezo !

ALFREDO.

Ah !

EDUARDO.

Minha irmã !...

AZEVEDO, *cortejando.*

O desprezo é o direito das senhoras e dos soberanos.

HENRIQUETA.

Mas então eu sou livre ? A minha promessa...

AZEVEDO.

Já foi restituída a seu pae !

HENRIQUETA.

Obrigada, meu Deos !

SCENA XVI.

OS MESMOS, D. MARIA.

D. MARIA, *que tem entrado ha alguns minutos.*

Que se passa aqui, senhores ?

EDUARDO.

Ah ! minha mãe ! A nossa casa está sendo o theatro de uma scena bem triste !

D. MARIA.

Mas porque ? Aconteceo alguma cousa ? Carlotinha, que tens ?

CARLOTINHA.

Nada, mamãe.

D. MARIA.

Todos tão frios, tão reservados !... Que quer dizer isto, Eduardo ?

SCENA XVII.

OS MESMOS, VASCONCELLOS, PEDRO.

PEDRO, *entrando*.

Barulho grande, Sr. Vasconcellos !

VASCONCELLOS.

Deixa-me ! Estou furioso !

HENRIQUETA.

Meu pae, é verdade ?

D. MARIA.

O senhor está tão perturbado !

VASCONCELLOS.

Se a senhora soubesse o que acabo de ouvir ! Os maiores insultos !

AZEVEDO.

Verdades bem duras, mas não insultos, senhor ! Não é meu costume.

VASCONCELLOS.

Ah ! o senhor está aqui ? (*Quer lançar-se.*)

EDUARDO.

Sr. Vasconcellos !...

VASCONCELLOS.

Oh ! não faz idéa do que este homem disse de mim. E se fosse só de mim ! Calumniou, injuriou atrozmente a minha filha !...

EDUARDO.

Como, Sr. Azevedo ?

AZEVEDO.

Pergunte-lhe o que ouvi delle!

PEDRO, *a Al/redo.*

Intriga está fervendo só! Hoje sim! Acaba-se tudo!

VASCONCELLOS.

E o que me dóe ainda mais, D. Maria, é que todas essas injurias de que o senhor se fez écho, sabem de sua casa!

PEDRO, *a Carlotinha.*

Mentira!

EDUARDO.

De nossa casa, Sr. Vasconcellos?

HENRIQUETA.

Eu não creio, meu amigo.

VASCONCELLOS.

Tu não crês, porque não as ouviste, minha filha; se não havias de ver que só amigos fingidos podião servir-se da intimidade para, á sombra della, urdirem semelhantes calumnias!

D. MARIA.

Nunca pensei, meu Deos, passar por semelhante vergonha!...

EDUARDO.

E eu, minha mãe, eu que sou responsavel por todos esses escandalos!

AZEVEDO.

C'est ennuyeux, çà!

VASCONCELLOS.

Vamos, minha filha ; deixemos para sempre esta casa onde nunca devíamos ter entrado !

HENRIQUETA.

Eduardo !..

EDUARDO.

Adeos, Henriqueta ; espera-me !

HENRIQUETA.

Oh ! sim !

CARLOTINHA.

E ama-me ; tu ao menos não me farás chorar !

ALFREDO.

Sou eu que a faço chorar, D. Carlotinha ?

VASCONCELLOS.

Vem, vem, Henriqueta ! Não estamos bem neste lugar !
(*Fazem gesto de sahir.*)

ALFREDO.

É verdade ; soffre-se muito aqui.

AZEVEDO.

Com effeito, *il fait chaud*.

EDUARDO.

Meu amor, a felicidade de minha irmã, a honra de minha familia, tudo perdido !

D. MARIA, *chorando*.

E tua mãe, meu filho !

PEDRO, *adiantando-se.*

E Pedro, senhor !

VASCONCELLOS.

Oh ! Está quem podia confirmar o que eu disse.

AZEVEDO.

Justamente !

EDUARDO.

Ah !... (*Voltando-se*) Escutem-me, senhores ; depois podem julgar-me como entenderem ; se assim fôr preciso eu carregarei com a culpa de não ter resistido aos hábitos da nossa sociedade brasileira, que é a causa unica de tudo quanto se acaba de passar.

ALFREDO.

Como ?

VASCONCELLOS.

Que quer dizer ?

AZEVEDO.

Tem razão ; começo a entender !

EDUARDO.

Os antigos acreditavão que toda a casa era habitada por um demonio familiar, do qual dependia a felicidade, o socego e a tranquillidade das pessoas que nella vivião. Nós, os brasileiros, realisamos infelizmente essa crença ; temos no nosso lar domestico esse demonio familiar. Quantas vezes não partilha comnosco as caricias de nossas mães, os folguedos de nossos irmãos, e uma parte das affeições da familia. Mas vem um dia, como hoje, em que elle na sua ignorancia ou na sua malicia perturba a

paz domestica ; e faz do amor, da amizade, da innocencia, da reputação, de todos esses objectos santos, um jogo de creança, um capricho ridiculo. Este demonio familiar de nossas casas, que todos conhecemos, ei-lo. (*Aponta para Pedro.*)

AZEVEDO.

É uma grande verdade.

VASCONCELLOS.

Tem toda a razão ; á elle é que ouvi !...

ALFREDO.

Sim, não ha duvida.

CARLOTINHA.

Eu adinhava !...

D. MARIA.

Como ? Foste tu ?...

PEDRO.

Pedro confessa, sim senhora.

D. MARIA.

Mas para que ?...

PEDRO.

Para desmanchar o casamento de Sr. Azevedo...

AZEVEDO.

Que tal !

VASCONCELLOS.

E para isso inventaste tudo o que me disseste ?

PEDRO.

E o que disse a Sr. Azevedo ; nhanhã Carlotinha nunca se importou com elle.

AZEVEDO.

Assim, a flor ?...

PEDRO.

Mentira tudo.

ALFREDO.

E a carta ?

PEDRO.

Nhanhã mandava a sinhá Henriqueta.

HENRIQUETA.

Então é esta ! (*Mostra a carta.*)

ALFREDO.

Mas a sobrescripta ?

HENRIQUETA.

Uma brincadeira ! (*Alfredo deve lançar um olhar rapido para a sobrescripta.*)

ALFREDO.

Perdão, D. Carlotinha !

CARLOTINHA.

Não ! O que eu soffri !...

EDUARDO.

Porque, minha irmã ? Todos devemos perdoar-nos mutuamente ; todos somos culpados por havermos acre-

ditado ou consentido no facto primeiro que é a causa de tudo isto. O unico innocente é aquelle que não tem imputação, e que fez apenas uma travessura de creança levado pelo instincto da amizade. Eu o corrijo, fazendo do authomato um homem; restituo-o á sociedade, porém expulso-o do seio de minha familia e fecho-lhe para sempre a porta de minha casa. (*A Pedro, dando-lhe um papel.*) Toma; é a tua carta de liberdade; ella será a tua punição de hoje em diante, porque as tuas faltas recahirão unicamente sobre ti; porque a moral e a lei te pedirão uma conta severa de tuas acções. Livre, sentirás a necessidade do trabalho honesto; apreciarás os nobres sentimentos que hoje não comprehendes; porque não terás um senhor que vele sobre ti, que te aconselhe e te dirija; porque não terás uma familia que te alimente, e te estime! (*Pedro beija-lhe a mão.*)

D. MARIA.

Muito bem, meu filho! Advinhaste o meu pensamento!

AZEVEDO.

Mas agora, por simples curiosidade, dize-me *gamin* que interesse tinhas em desfazer o meu casamento?

PEDRO.

Sr. moço Eduardo gosta de sinhá Henriqueta!

AZEVEDO.

Ah!... *bah!*...

EDUARDO.

Sim, meu amigo. Eu amo Henriqueta e para mim esse casamento seria uma desgraça; para o senhor era uma pequena questão de gosto, e para seu pae um compromisso de honra. Hoje mesmo pretendia solver essa obrigação. (*Tirando um papel.*) Aqui está uma ordem sobre o Souto; o Sr. Vasconcellos nada lhe deve.

VASCONCELLOS.

Como ? Fico então seu devedor ?

EDUARDO.

Essa divida é o dote de sua filha.

HENRIQUETA.

Oh ! que nobre coração !

EDUARDO.

Tu m'o déste ?

HENRIQUETA.

Não ! Eu que sinto orgulho em te pertencer, Eduardo.

D. MARIA.

Mas, meu filho, dispões assim da tua pequena fortuna.
O que te resta ?

EDUARDO.

Minha mãe, uma esposa e uma irmã. A pobreza, o
trabalho e a felicidade.

ALFREDO.

Esqueceste um irmão, Eduardo.

EDUARDO.

Tens razão ! (*Aperta-lhe a mão.*)

AZEVEDO.

E um amigo *quand même* !

EDUARDO.

Obrigado !

VASCONCELLOS.

A' vista disto, D. Maria, vou tratar de pôr a Josefa nòs cobres !

AZEVEDO.

Decididamente volto a Paris, meus senhores !

PEDRO.

Pedro vae ser cocheiro em casa de Major !

EDUARDO, *adiantando-se para os espectadores.*

E agora, meus amigos, façamos votos para que o demónio familiar das nossas casas desapareça um dia, deixando o nosso lar domestico protegido por Deos, e por esses anjos tutelares (*Designa as senhoras dos camarotes*) que sob as formas de mães, de esposas, e de irmãs vellarão sobre a felicidade de nossos filhos !...

FIM.

ERRATA.



PAG.	LINHAS.	ERRO.	EMENDA.
5	5	Dezembro	Novembro
7	24	Henrique	Henriqueta
20	10	esta á ella	está ella
41	25	va-os	vamos
66	19	que que	que
106	14	<i>Dançando</i>	<i>Lançando</i>
110	18	timido	modesto
113	16	contentinha	contentezinha
148	11	embetté	embeté



1874



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).